

A. P. S. PROUDLY PRESENTS:

Longsight & enthyra

APOCALYPSE CANCELLED
A MEMORIAL TO ANTON SZANDOR LA VEY
1930 - 1997

LIMITED DELUXE EDITION ★ 10" SILVER VINYL
666 SIGNED AND HAND NUMBERED COPIES



HELLOUTRO ENTERPRISES
OUTRO 001

INDIVIDUALISM@HELLOUTRO.ORG



Esta é a última edição da Infernus deste ano. Como é possível ver num dos textos que compõem a revista, mais um ciclo se encerra e um novo se inicia. Como em tudo o resto, este depósito de camadas, umas após as outras, vai criando uma história que é essencialmente nossa, mas que se entrecruza com tantas outras espalhadas por todo o mundo.

O período de tempo que decorreu desde a última edição foi bastante profícuo, e podem ler nestas páginas algo acerca das mais recentes concretizações da APS – o Volume I do Anuário Infernus, o EP de tributo a Anton LaVey e, acima de tudo, a publicação da versão limitada em capa dura de *A Bíblia Satânica*, a tradução para Português da obra seminal do Satanismo. Podemos dizer que este foi um bom ano.

Mas porque não vivemos com os olhos presos no passado, apresentamo-vos nesta edição uma entrevista exclusiva a Peter Gilmore, responsável máximo da Church Of Satan. Pareceu-nos apropriado iniciar um novo ciclo da Infernus com alguém que personifica também mudança e evolução. A conversa decorreu longa e interessante, pelo que vos convidamos a lerem no interior os principais temas discutidos com o autor de *Satanic Scriptures*.

E falamos de um novo ciclo porque, como podem ver, algumas mudanças foram perpetradas. Desde logo, com alguns ajustes a nível gráfico e de disposição da informação. Mas, como podem ver na ficha técnica, essencialmente pelo alargamento da equipa editorial, o que nos permite olhar para o novo ano com um alento redobrado. Se tiverem dentro de vós a centelha da criatividade, encorajo-vos a fazerem parte deste núcleo.

Finalmente, tentamos perceber um pouco melhor o que nos rodeia em termos ideológicos. O Ateísmo sempre foi um tema próximo do Satanismo, e nesta edição tentamos explorar as principais diferenças e semelhanças entre as duas correntes de pensamento. Cremos que vos conseguimos apresentar algum material bastante pertinente sobre o tema, ao qual certamente voltaremos em futuras edições.

Resta-me finalizar com uma frase, contida nesta edição, que me parece representar muito bem o que é o Satanismo: "*apenas somos grandes em proporção àquilo que conseguimos atingir*". Deixemos as palavras e passemos aos actos – desfrutem do que vos trazemos nas folhas seguintes.

Pela Administração da APS,
Lurker



INFERNUS N.º VII

Capa: Sara Piteira (Óleo sobre tela)

Editor: Lurker

Produtor: Solis

Equipa Editorial: Black Lotus, Outubro, Mosath

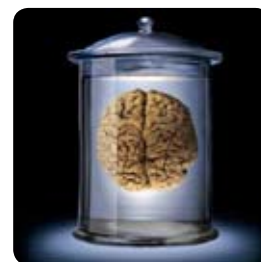
Revisão: Metzli

Colaborou também: Bruno Miguel Resende



MOVIMENTO E EVOLUÇÃO

Acções da APS em 2007
e o que nos espera em 2008



OS FUNDAMENTOS DO ATEÍSMO

Que motivos temos para acreditar na existência de um deus?



PETER H. GILMORE

Falámos mesmo com
o High Priest da Church of Satan



CEPTICISMO E OUTRAS REFLEXÕES

O Pensamento Satânico
em várias vozes

2007



2008

O MOVIMENTO CÍCLICO DA EVOLUÇÃO

Lurker, Vº

COMO TUDO NA NATUREZA, TAMBÉM A EXISTÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE SATANISMO É REGIDA POR CICLOS PERIÓDICOS, EM QUE SE AVANÇA DE UM PATAMAR EVOLUTIVO PARA O SEGUINTE. FINDO UM ANO DE CALENDÁRIO, GOSTARÍAMOS DE PARTILHAR CONVOSCO UMA REFLEXÃO SOBRE OS DOZE MESES PASSADOS E LANÇAR AS BASES PARA OS DOZE MESES SEGUINTE.

UMA RETROSPECTIVA

Olhar para o passado é um exercício que deveríamos fazer como base de aprendizagem para o futuro, e nunca com saudosismo que leve ao torcicolo. Os últimos anos de actividade da APS levaram-na a um patamar de exposição mais elevado, sendo recorrentemente usada como referência no que diz respeito ao Satanismo. É um bom indicador de que alguma coisa está a ser bem feita quando uma revista como a PCMais (cujo enfoque é a informática) refere como fontes de informação *online* sobre o Satanismo a Church Of Satan e a APS.

Quando o presente ano se iniciou, a Administração resolveu publicar um conjunto de linhas orientadoras para a sua actividade neste ano. Entre as quais, estavam dois projec-

tos concretos, a duas intenções directamente relacionadas com o propósito de divulgação e apoio ao Satanismo que a APS tem nos seus estatutos, e um objectivo estrutural interno, de consolidação da sua própria actividade. Uma mescla de ambição e realismo, que almejava elevar a existência da Associação a um novo patamar evolutivo.

Antes de entrarmos em detalhe sobre as acções realizadas, algumas observações globais. A APS cresceu, a todos os níveis. Um reforço no número de Membros (principalmente naqueles que activamente contribuem para a evolução da Associação) levou a que uma energia renovadora fosse injectada e mais e melhores projectos fossem realizados. O reconhecimento dos feitos alcançados ultrapassou há muito as nossas fronteiras, mas hoje existem laços que se fortalecem com outros *like-minded individuals* (e organizações, convém dizê-lo) por esse mundo fora, e que nos permitem sonhar com objectivos mais elevados. Sempre com os pés bem assentes na realidade que nos rodeia, fomos crescendo sem receios, mas também não correndo sem saber andar convenientemente.

Como em qualquer processo de crescimento, há dor envolvida. Há decisões que têm de ser tomadas em detrimento de uma linha de pensamento face a outra, há escolhas que têm de ser feitas mas não necessariamente compreendidas, há ideias e projectos válidos que têm de ser engavetados à espera de condições para poderem ser concretizados. Nada é mais frustrante do que ter os meios à disposição para criar algo de verdadeiramente notável, mas

por falta de empenho e vigor não o conseguir. No entanto, não conhecemos o significado da palavra desistência; somos tenazes na nossa persistência e fortes nas nossas convicções.

Mas, acima de tudo, orgulhamo-nos dos frutos do nosso trabalho. Um espírito construtivo e uma vontade criadora são a génese dos projectos em que trabalhamos, uns já do domínio público, outros ainda privados; uns já realidade, outros ainda em fase de construção; uns mais modestos, outros dignos de respeito internacional. E tudo conseguido através do esforço que cada indivíduo cede a um objectivo comum, porque essa relação cooperativa é também a base do Satanismo.

OS PROJECTOS

Sem grande receio de errar, podemos hoje afirmar que cumprimos um dos principais propósitos da Associação nos últimos anos – publicar a tradução em Português do livro *"The Satanic Bible"* de **Anton LaVey**! Uma meta de longa data é este ano atingida, num *sprint* final que é revelador da capacidade de concretização que é possível quando o alinhamento comum é favorável. Neste mês de Dezembro será publicada a 1.ª edição de *A Bíblia Satânica*, numa versão limitada em capa dura, distribuída apenas pela APS, e destinada a todos os que nos têm apoiado e acompanhado ao longo destes anos. No início do próximo ano será feita a publicação da 2.ª edição, esta distribuída a nível nacional

no circuito livreiro habitual. Voltaremos a este assunto em breve, certamente.

Sem nos desviarmos da regularidade editorial da *newsletter* *Infernus*, viu também a luz do dia neste ano outro dos projectos mais almejados: a publicação da versão física em papel, denominada *Antologia Infernus Volume 1*. Nestas páginas são apresentados os detalhes desta edição, e podem também ver alguma informação sobre o evento onde ela foi oficialmente apresentada, a *Festa de Halloween* no Coliseu de Lisboa.

Para finalizar um triunvirato de projectos em destaque, foi anunciado nesse mesmo evento um lançamento de tributo a Anton LaVey, através do recém-criado braço editorial da APS: a *HellOuro Enterprises*. Intitulado *Apocalypse Cancelled*, é o reflexo do que pode ser conseguido quando a credibilidade de uma entidade, como é o caso da APS, está para além de qualquer dúvida. Podem também encontrar algumas linhas onde se mostra como é que duas figuras proeminentes do panorama musical nacional se aliam à APS para prestar um devido tributo a uma personagem marcante do Satanismo.

ADIAMENTOS

Como sempre acontece quando os recursos são limitados, há projectos que têm que ser privilegiados em função de outros. Este foi mais um ano de presença assídua da APS em alguns

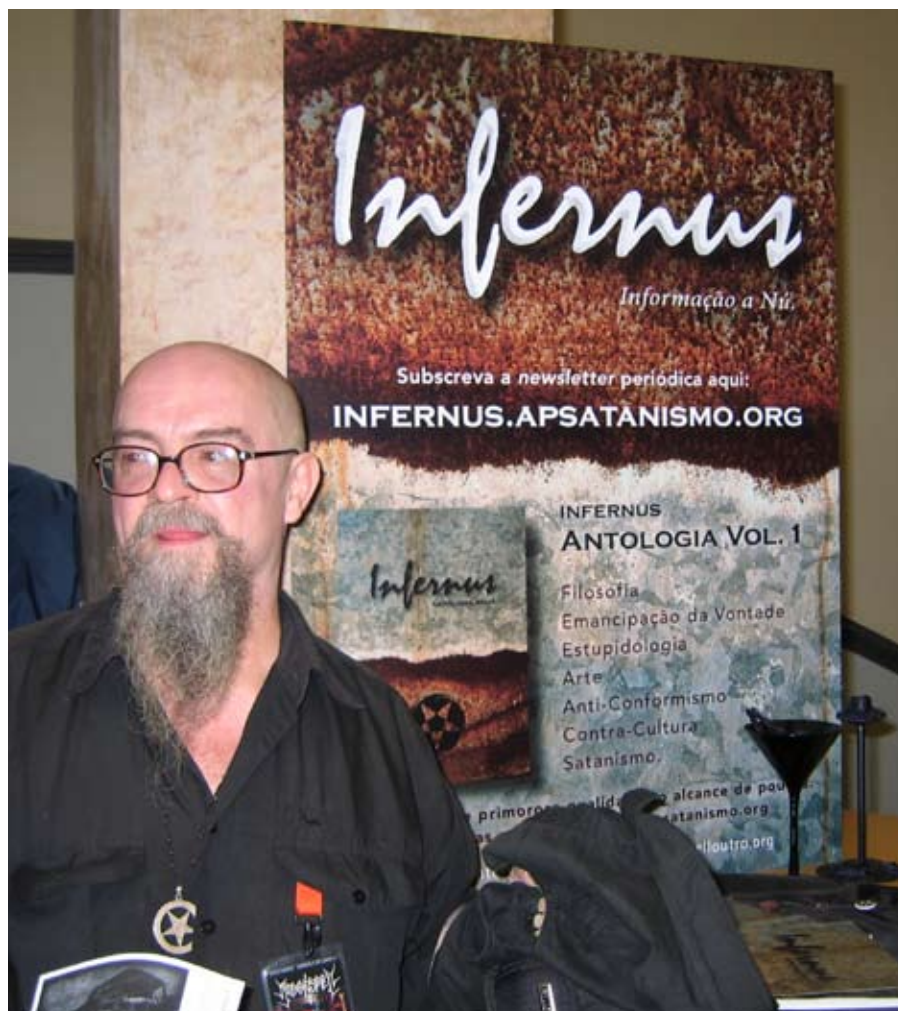
eventos realizados no nosso país (rudemente um a cada dois meses), mas a intenção de patrocinarmos ou organizarmos directamente eventos mais alinhados com o propósito da Associação ficou sem repercussão prática. Será sem dúvida algo a visitar no futuro.

Continuamos também empenhados na divulgação activa do Satanismo em Portugal, sem que no entanto tenhamos todos os meios à nossa disposição para o fazer eficazmente. Teremos forçosamente de dedicar mais tempo e esforço no futuro a este objectivo primordial da APS, para que cada vez menos hajam pessoas que não percebem o que realmente é o Satanismo.

Temos projectos actualmente em mãos que não foram concretizados este ano devido ao sobrecarregamento de edições no último trimestre do ano, pelo que há alguns adiamentos deste ano que serão apresentados como concretizações do próximo ano. Como também a Natureza nos ensina, tudo tem que ter o seu espaço para crescer, proliferar e vingar, para que os seus frutos sejam saborosos.

O DESAFIO

Depois de um ano entusiasmante e pródigo em desafios, mas também exigente e desgastante, o grande desafio com que a APS se depara no ano que se avizinha é de consolidar esse crescimento numa base sustentável, que lhe permita apontar para voos mais altos com a consciência de ter uma



FESTA DE HALLOWEEN

Sendo o Halloween uma data marcante para o Satanismo, seria natural que procurássemos uma forma especial de o celebrar. Neste ano, em particular, com o lançamento do primeiro volume da *Antologia Infernus*, impunha-se uma celebração condizente com a importância desse marco.

Desde cedo tornou-se evidente que a Festa de Halloween no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, era o local ideal para essa celebração. Também pela presença dos Moonspell, a promoverem o seu trabalho mais conceptualmente próximo da temática da noite, e dos Root, tendo em Big Boss (na imagem a visitar o espaço da APS) uma figura mítica do Satanismo na Europa – mas principalmente pela oportunidade de apresentar um trabalho de qualidade a uma audiência mais alargada.

Esta tornou-se de facto uma noite especial para a APS. Associada a toda a temática da noite, e ao convívio com muitos que tiveram a amabilidade de nos visitar, esteve a concretização de um projecto de longa data. Os detalhes ficarão para quem conosco pôde partilhar esses momentos, mas para a posteridade ficará a memória de uma noite especial.

O MOVIMENTO CÍCLICO DA EVOLUÇÃO Lurker, V*

estrutura solidamente alicerçada e que consiga suportar as edificações que sejam construídas ao longo do tempo.

Apesar de ser um desafio considerável, contamos naturalmente com o apoio de todos aqueles que acreditam no trabalho feito pela APS para que nos ajudem a ultrapassá-lo com sucesso. Porque é chegada a hora de passar das palavras aos actos, foquemo-nos naquilo que realmente nos distingue – a nossa capacidade de construir algo único de que nos possamos orgulhar!

OLHANDO O HORIZONTE

E, com esse intuito em mente, há que delinear o caminho que pretendemos seguir. Não basta querer avançar, é necessário fazê-lo com a consciência de estarmos a caminhar na direcção correcta.

À cabeça, como já foi referido, o objectivo de divulgar "A Bíblia Satânica" no circuito livreiro para permitir que chegue a todos os interessados e lhe dar a exposição e reconhe-

cimento que sem dúvida merece. Será algo a concretizar no primeiro trimestre do ano.

Pretendemos manter a regularidade editorial da *newsletter* Infernus, alargando o número de páginas da publicação regular e publicar o Volume II da Antologia no *Halloween* de 2008, alargando também aqui o conteúdo adicional exclusivo da edição física da Infernus.

Uma vez que foi criado o braço editorial da Associação, é nosso objectivo dinamizar a "HellOutro Enterprises" e publicar pelo menos um novo título durante o próximo ano. Existem já algumas ideias na calha, que veremos como podem ser concretizadas. No entanto, é uma intenção clara tornar a "HellOutro Enterprises" uma editora dinâmica e profícua.

Como os adiamentos têm que ser concretizados, tornamos como objectivo para o próximo ano a organização de pelo menos um evento de promoção da criação artística alternativa em Portugal. No seio da APS e nos círculos onde nos movemos existem artistas

promissores que merecem o nosso empenho na promoção do seu trabalho.

Finalmente, queremos continuar a apoiar e divulgar trabalhos e eventos considerados válidos no contexto da APS e do Satanismo em Portugal. Mantemo-nos atentos ao que nos rodeia, porque apenas pela colaboração conjunta com quem merece o nosso apoio podemos almejar a continuação na senda do crescimento sustentável.

Como é possível constatar, mantemo-nos ambiciosos nas perspectivas para 2008, mas abrimos espaço à consolidação da actividade da Associação para que, daqui a um ano, possamos então abordar objectivos diferentes, noutra contexto e escala.

Contamos convosco para trilharmos connosco este caminho. Mantendo o porte ativo mas sem esquecer a humildade do trabalho. Apenas somos grandes em proporção àquilo que conseguimos atingir.

**HAIL SATAN!
SHEHAMFORASH!**

Infernus
Informação a Nú.

Subscreva a newsletter periódica aqui:
INFERNUS.APSATANISMO.ORG

**INFERNUS
ANTOLOGIA VOL. 1**

Filosofia
Emancipação da Vontade
Estupidologia
Arte
Anti-Conformismo
Contra-Cultura
Satanismo.

104 páginas de primorosa qualidade ao alcance de poucos.
Obtenha-as agora. <http://loja.apsatanismo.org>

HellOutro Enterprises | individualism@helloutro.org

Hell001 - 2007

ANTOLOGIA INFERNUS VOLUME I

Sempre existiu a solicitação de uma versão em papel da "Infernus". Apesar de todo o advento da tecnologia, o papel continua a ser um formato nobre por excelência. Para a concretização do projecto, era nossa intenção criar algo mais do que a simples colecção das seis primeiras edições da newsletter, deveria haver valor acrescentado para além do formato.

Assim, às 94 páginas de conteúdo já existente adicionamos mais 10 exclusivas desta edição. Para além de algumas páginas expectáveis, como um editorial particular da edição ou um índice remissivo global, o que realmente faz a diferença é o conteúdo gráfico adicional – três imagens inéditas de Melanie Laetitia Mantis & Michel Auber (nunca antes publicadas!), uma imagem exclusiva de Lu Hutchinson dedicada a Anton LaVey e uma fotografia de Outubro tirada para o efeito.

O primeiro volume da Antologia Infernus é então composto por 104 páginas de qualidade superior, em Português, numa impressão totalmente a cores de alta definição e lombada colada. A distribuição está a cargo da própria APS, mas podem também encontrar a Antologia em algumas lojas seleccionadas.

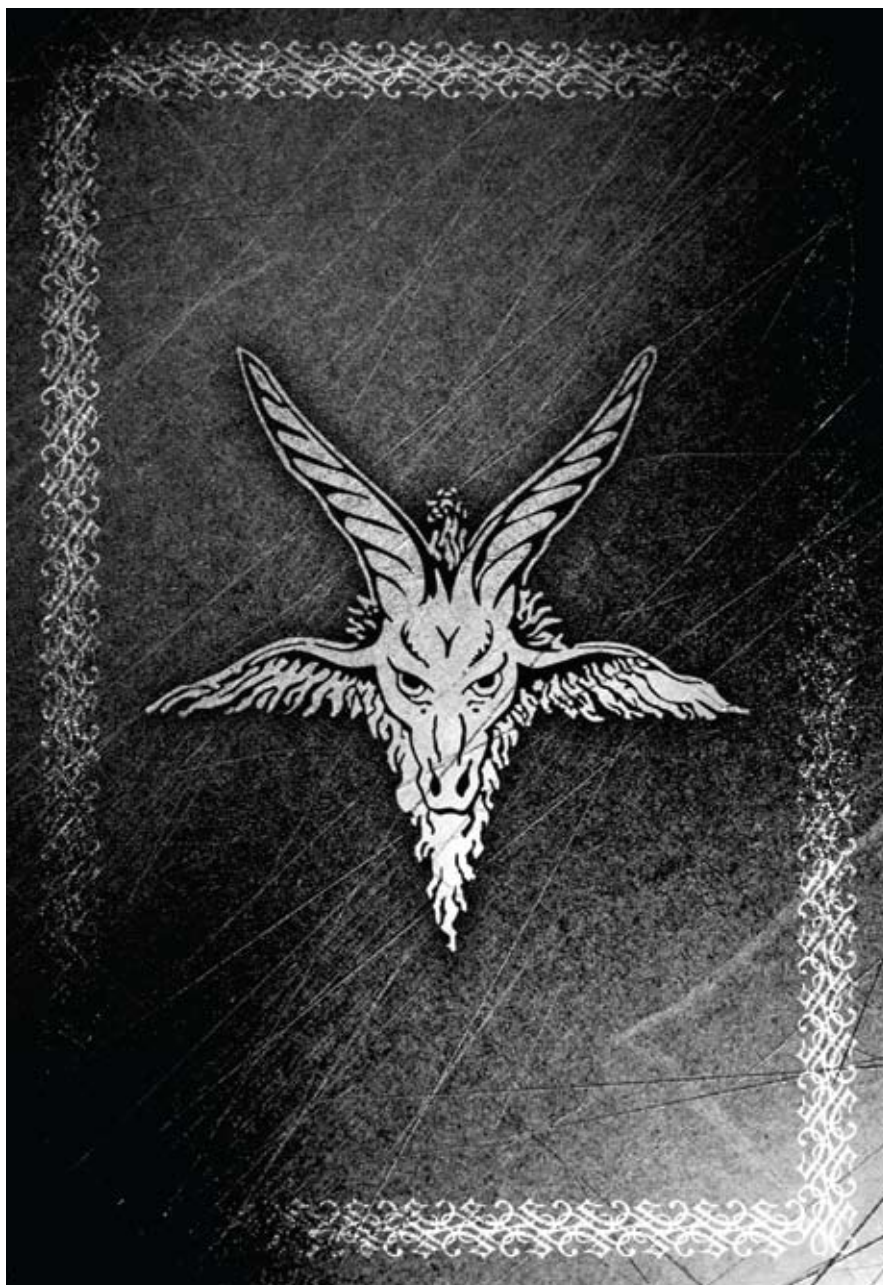
Uma edição que se enquadrará sem dúvida na biblioteca de qualquer Satanista. O primeiro passo na publicação física de material relacionado com Satanismo na nossa língua materna.

APOCALYPSE CANCELLED

Quando oportunidades como esta nos surgem, não as enjeitamos! Este ano marca também o 10º aniversário da morte de Anton LaVey, e a APS associou-se a Fernando Ribeiro (dos Moonspell, que assina este trabalho com o seu pseudónimo de longa data Langsuyar) e Luís Lamelas (dos [F.E.V.E.R.], aqui sob o seu projecto a solo Euthymia) para criar um tributo digno da sua memória.

Intitulado "Apocalypse Cancelled", este tributo chega na forma de um EP em vinil de 10", limitado a 666 cópias e numerado à mão, numa edição luxuosa em negro e prateado. No vinil está contida uma sonoridade intensa, ambiental e catártica de Euthymia sob um ritual criado por Langsuyar com base nas palavras de Anton LaVey, numa edição bilingue em Português e Inglês.

Está disponível através da HellOutro Enterprises, com distribuição garantida um pouco por todo o mundo e também pela própria APS, estando também prevista uma festa de lançamento para apresentar convenientemente este projecto de referência ao público nacional.



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE SATANISMO

DECLARAÇÃO DE INTENÇÕES 2008

- 1** DIVULGAR A BÍBLIA SATÂNICA NO CIRCUITO EDITORIAL;
- 2** MANTER A REGULARIDADE DA NEWSLETTER INFERNUS E PUBLICAR A RESPECTIVA ANTOLOGIA VOL.II;
- 3** DINAMIZAR A HELLOUTRO ENTERPRISES, O BRACO EDITORIAL DA APS PUBLICANDO PELO MENOS UM TÍTULO DE REFERÊNCIA;
- 4** ORGANIZAR PELO MENOS UM EVENTO DE PROMOÇÃO DA CRIAÇÃO ARTÍSTICA ALTERNATIVA EM PORTUGAL;
- 5** APOIAR E DIVULGAR TRABALHOS E EVENTOS CONSIDERADOS VÁLIDOS NO CONTEXTO DA APS E DO SATANISMO EM PORTUGAL.

OS FUNDAMENTOS DO ATEÍSMO

André Dispore Cancian



"POR SIMPLES BOM SENSO,
NÃO ACREDITO EM DEUS.
EM NENHUM."

CHARLES CHAPLIN



etimologicamente, a palavra "ateu" é formada pelo prefixo "a" (que denota ausência – e pelo radical grego *theós* – que significa **Deus, divindade** ou **teísmo**. Ou seja, a palavra "ateu" pode significar **sem deus** ou **sem teísmo**. Como a imprecisão desse primeiro significado o torna impróprio para representar a noção de descrença ateísta, usa-se como base a acepção *teísmo*, que significa **crença na existência de algum tipo de deus ou deuses de natureza pessoal**. Neste caso, chegamos a uma definição mais coerente e clara de indivíduo ateu – **aquele que não acredita na existência de qualquer deus ou deuses**. Assim, quando queremos uma palavra que representa tal perspectiva, usamos o termo "ateu" ligado ao sufixo "ismo", que, na língua portuguesa, é usado com o significado de **doutrina, escola, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso**. E, deste modo, chegamos a uma definição bastante nítida do que é ateísmo: estado de ausência de crença na existência de qualquer deus ou deuses.

Antes de tudo, é importante salientar que, comumente, a maioria dos ateus, quando se refere à sua posição, diz apenas que não acredita em deus/deuses. Isso não está incorrecto, mas, na verdade, o que quer dizer é que não acredita na existência de deus/deuses. Afirmar apenas "não acredito em Deus" pode dar margem à interpretação errônea de que a pessoa em questão acredita na sua existência, mas é contra deus, contra os seus mandamentos, ou então que não lhe dá qualquer crédito, o desacredita, o difama, facto este que, não raro, dá origem a vários preconceitos em relação à posição ateísta. Esclarecido este ponto, vejamos quais são os tipos de ateísmo existentes.

Há várias modalidades de ateísmo que diferem fundamentalmente quanto à atitude do indivíduo para com a ideia de uma divindade. Vale a pena lembrar que tais classificações são meramente didácticas, feitas

apenas para delinear as circunstâncias mais comuns em que o ateísmo pode ser encontrado. As duas modalidades/tronco são:

ATEÍSMO IMPLÍCITO

- Ateísmo puro
- Ateísmo prático

ATEÍSMO EXPLÍCITO

- Ateísmo passivo/céptico
- Ateísmo activo/crítico

A primeira, filosoficamente, é pouco relevante. O **ateísmo implícito**, como o próprio nome indica, é a variante do ateísmo que existe tacitamente. Neste caso, o ateísmo não se fundamenta na rejeição consciente e deliberada da ideia de deus, baseada em conceitos filosóficos e/ou científicos, mas simplesmente existe enquanto um estilo de vida que não leva em consideração a hipótese da existência de algum deus para se guiar. O ateísmo implícito pode ser dividido em ateísmo puro e ateísmo prático.

O **ateísmo puro** é o estado de ausência de crença devido à ignorância ou à incapacidade intelectual para posicionar-se ante a noção da existência de uma divindade. Nesta categoria entram todos os indivíduos que nunca tiveram contacto com a ideia de um deus; por exemplo, alguma tribo, grupo ou povo que se encontre isolado da civilização e que seja alheio à ideia de um deus. Também se enquadram nesta categoria os indivíduos incapazes de conceber a ideia de um deus (seja isto por imaturidade intelectual ou por deficiências mentais, como por exemplo, crianças de pouca idade, pessoas que sofrem de alguma enfermidade mental incapacitante).

**ASSIM COMO OS TEÍSTAS, OS ATEÍSTAS POSSUEM
VALORES MORAIS QUE NORTEIAM AS SUAS ACÇÕES.**

O **ateísmo prático** enquadra aqueles que tiveram contacto com a ideia de deus, ou seja, que conhecem as teorias sobre as divindades, mas não tomam qualquer atitude no sentido de negá-la, rejeitá-la ou afirmá-la, permanecendo, deste modo, neutros sobre o assunto. É nesta categoria que se encontram os que normalmente se dizem agnósticos, isto é, aqueles que julgam impossível saber com certeza se há ou não uma divindade. Segundo este ponto de vista, devido a essa impossibilidade, afirmam que seria inútil qualquer esforço intelectual no sentido de comprovar ou refutar a existência de um deus. Qualquer pessoa que tem conhecimento da existência das religiões e das suas teorias, mas vive sem se preocupar se há ou não algum deus ou julga impossível sabê-lo com certeza, sem rejeitar ou afirmar explicitamente a ideia de deus, é classificada como pertencente ao ateísmo prático.

O **ateísmo explícito** é a rejeição consciente da ideia de deus. A causa desta rejeição frequentemente é fruto de uma deliberação filosófica; contudo, não é possível fazer qualquer espécie de generalização quanto à causa específica da descrença, pois cada pessoa julga individualmente quais as razões que são válidas ou inválidas para corroborar ou refutar a ideia da existência de um deus. O ateísmo explícito pode ser dividido em duas outras categorias: ateísmo passivo e ateísmo activo.

O **ateísmo passivo ou céptico** é a descrença na existência de deus/deuses devido à ausência de evidências em seu favor. Esta variedade também pode ser encontrada sob a denominação de "posição céptica padrão", pois reflecte um dos axiomas mais fundamentais do pensamento céptico, que é: não devemos aceitar uma proposição como verdadeira se não tivermos motivos para fazê-lo; ou, na sua versão lacónica: sem evidência, sem crença. O ateu desta categoria limita-se a encontrar motivos para justificar a sua rejeição da ideia de deus, por vezes esforçando-se em demonstrar por que as supostas provas da existência divina são inválidas, mas sem se preocupar com a negação da possibilidade da existência de um deus.

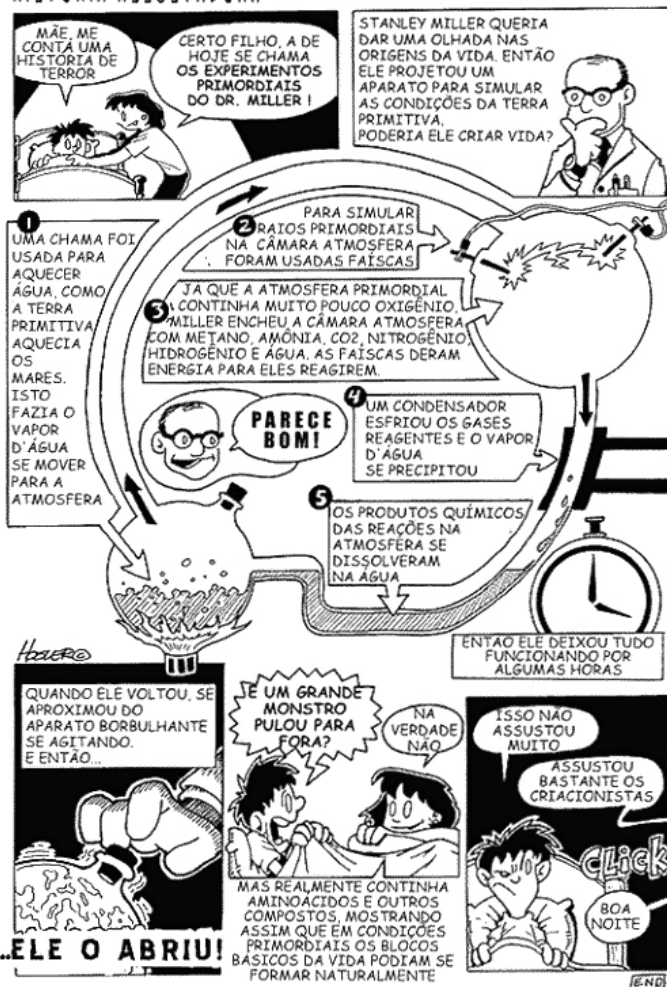
O **ateísmo activo ou crítico** é a variedade mais difícil de ser defendida, pois é uma descrença que envolve a negação da possibilidade da existência de um deus. Os ateus desta categoria tipicamente intitulam-se racionalistas e seguem o princípio de que o ataque é a melhor defesa. Ou seja, literalmente atacam a ideia de deus, evidenciando as contradições e as incongruências presentes neste conceito, empenhando-se em demonstrar, através de argumentos racionais, por que razão a existência de um deus (como definido pelas religiões) é logicamente impossível.

À primeira vista, talvez pareça que tais definições são demasiado singelas para serem capazes de abarcar todas as possibilidades, mas não são. Isso porque a posição ateísta, em si mesma, não é positiva, não possui qualquer conteúdo, pois não representa algo, apenas a ausência de algo; nas suas categorias mais elaboradas, o ateísmo é uma ausência vinculada a uma rejeição ou a uma negação de algo largamente aceite, que, no caso, é o teísmo, nas suas variadas formas.

Deste modo, a definição de ateísmo não subentende qualquer espécie de descrição prática do indivíduo. Nesta classificação, aquilo que os ateus fazem nas suas vidas não é levado, de todo, em consideração. Ao contrário de outros "ismos" (como cristianismo, judaísmo, espiritismo, xintoísmo, hinduísmo, islamismo), o ateísmo não é um estilo de vida nem uma doutrina dotada de um corpo de conhecimentos ou princípios, mas somente uma classificação acerca do posicionamento ou estado intelectual do indivíduo em relação à ideia de deus. Portanto, o ateísmo não possui natureza análoga às religiões teístas.

Uma vez que o ateísmo é apenas uma classificação (e não uma doutrina ou uma cosmovisão), logicamente não incorpora qualquer espécie de valores, princípios morais ou noções de ética. É exactamente devido a esse facto que muitos indivíduos, inadvertidamente, classificam os ateus como imorais. Deve ficar claro, no entanto, que a ausência de um conjunto de valores morais, na verdade, refere-se somente ao ateísmo em si mesmo, de modo que, na prática, isso não implica qualquer incompatibilidade entre os dois absolutamente.

HISTÓRIA ASSUSTADORA



Assim como os teístas, os ateístas possuem valores morais que norteiam as suas acções. Não há evidências empíricas em absoluto para sustentar a acusação de imoralidade tão frequentemente lançada contra os descrentes. É claro que os ateus, como um todo, não compartilham um código moral único, não possuem uma moral baseada na autoridade de princípios ateístas, que seriam absolutos ou superiores como os valores vinculados ao teísmo. Na realidade, os ateus escolhem individualmente (visando os seus objectivos, as suas necessidades) quais são os valores que melhor lhes servirão para guiar as suas vidas em função do sentido que escolheram para elas. O que não existe é uma moral ateísta no sentido em que falamos de uma moral cristã, mas há, por certo, ateístas morais, que se baseiam em factores de natureza humana para fundamentar os seus valores de modo racional. Sem um deus, tais factores não poderiam ser absolutos ou transcendentais.

Logicamente, a grande frequência com que se tenta corroborar ou refutar o ateísmo através de julgamentos e valores morais apenas demonstra uma lamentável leviandade (ex: "os ateus também fazem caridades" ou "muitos ateus são criminosos"). É claro que, se desejarem, alguns ateus podem ser bondosos, compassivos, solidários etc. Talvez devido ao facto da maioria dos religiosos se identificar com esse tipo de moral o seu típico rancor em relação à palavra "ateu" possa ser um pouco amenizada; todavia, pretender que a bondade tenha, em si mesma, algum valor, que ofereça qualquer verosimilhança à posição, é, no mínimo, um absurdo. O mais "dogmático" dos ateísmos ainda não passa de uma mera negação ("Deus não existe", afirmativamente). Sendo assim, assumir um posicionamento ateísta remete-nos a um plano muito mais fundamental, muito mais abrangente. Por outras palavras, além de ser independente da moral, o ateísmo precede-a em profundidade filosófica. Ou seja, na melhor das hipóteses, somente será possível deduzir, individualmente, valores a partir do ateísmo, mas nunca o ateísmo a partir dos valores.

OS FUNDAMENTOS DO ATEÍSMO

André Diágora Carneiro

Dai a impossibilidade da bondade, por exemplo, servir de suporte a ele; e o mesmo vale para objecções ao ateísmo baseadas em delitos cometidos por indivíduos ateus.

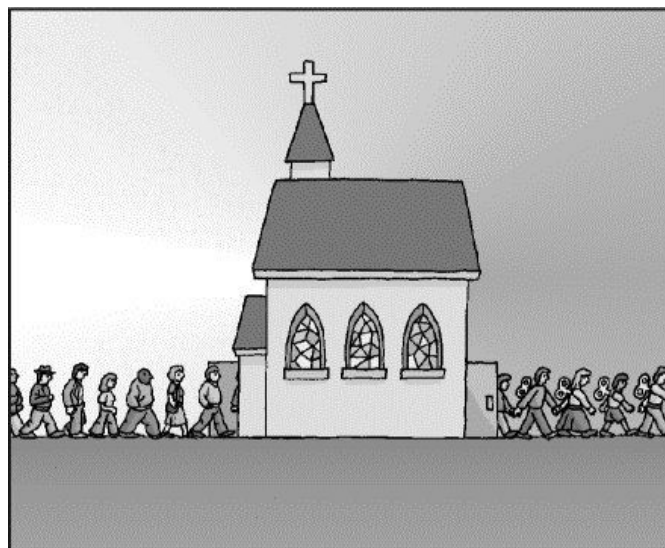
Há também uma grande tendência de se querer vincular a responsabilidade das acções à visão de mundo do indivíduo, e tal tendência está ligada à ideia de que esta vem sempre carregada de valores e deveres (neste caso, também vinculada ao mal-entendido de que o ateísmo é uma crença positiva). Por exemplo, se um cristão faz uma caridade em nome de deus e usa a Bíblia para justificar tal feito, então pode-se dizer que o cristianismo é, em certo grau, responsável por tal acção. Isso porque toda religião tem os seus dogmas, as suas verdades, os seus princípios superiores, em suma, o seu cânone "tu deves". Portanto, ela define o que é o bem e o que é o mal, o que é certo e o que é errado, e assim por diante. Diferentemente, o ateísmo encontra-se alheio a todo esse rebuliço de valores que os humanos cultivam. Se um ateu faz algo bom ou ruim, isso não se deve ao ateísmo, pois o ateísmo não diz coisa alguma a respeito do que devemos ou não fazer. O ateísmo não diz o que é o bem nem o que é o mal, muito menos o que é certo ou errado. Ele não arrasta consigo nenhuma espécie de valor, e é por isso que não se pode atribuir-lhe qualquer tipo de culpa ou responsabilidade. Tudo recai tão-somente sobre os ombros do livre arbítrio individual, não sendo possível qualquer espécie de generalização da causa do seu acto que venha a abarcar o ateísmo.

Por isso, todo o ateu que defende valores morais específicos (mesmo se forem de benevolência e de caridade) sem deixar claro que isso não tem qualquer relação com sua descrença, estará, sem perceber, a prestar um grande desserviço aos ateus. Talvez a intenção seja boa, isto é, pense que com isso está a reverter o estereótipo negativo que tipicamente se tem dos ateus, de que são todos pervertidos, frustrados, imorais, insensíveis, criminosos. O problema, naturalmente, reside no facto de que esse contra-ataque pressupõe a falsa ideia de que o ateísmo deve defender-se de acusações morais e isso só acaba por gerar mais confusão ainda. A personalidade dos ateus não tem qualquer relação directa com o ateísmo. Todos esses estereótipos sociais de como os ateus são não passam de preconceito, ilusão, pois, como vimos, o ateísmo não é capaz de justificar nada disso.

O facto de algum ateu ser altruísta ou egoísta, bondoso ou malvado, compassivo ou cruel é apenas reflexo do seu temperamento e dos valores adoptados pelo indivíduo em particular. Não delinear essa distinção entre o ateísmo e a moral faz com que as pessoas pouco aprofundadas no assunto se acostumem a encarar os padrões comportamentais dos indivíduos descrentes como uma consequência de seu ateísmo; ou seja, do mesmo modo que os ateus caridosos darão uma boa imagem ao ateísmo, os ateus criminosos irão macular e inflamar a sua imagem. Além de isso dar luz a diversos e indesejáveis estereótipos, estes ainda ocultam a verdadeira face do ateísmo – a neutralidade.

Portanto, os ateus não compartilham necessariamente qualquer similaridade, excepto a descrença, é claro. Os ateus podem ser bons ou maus, santos ou pervertidos, altruístas ou egoístas, individualistas ou colectivistas; podem ser democratas, comunistas, anarquistas ou monarquistas; podem ser filósofos, médicos, psicólogos, professores, electricistas, lixeiros, escritores, comerciantes, alpinistas, actores ou qualquer outra coisa. O ateísmo, em si mesmo, é estritamente neutro, e, portanto, vazio de quaisquer implicações morais ou filosóficas. Ateísmo é apenas o nome que se dá ao estado de ausência de teísmo, ou seja, tão-somente a ausência de crença na existência de quaisquer deuses. E, enfim, se pode ser dito que os ateus têm algo em comum, este algo é exactamente não ter nada em comum, pelo menos não necessariamente, como uma regra geral.

TODAS AS PESSOAS, UM DIA, JÁ FORAM ATEÍSTAS, SEM EXCEPÇÃO. TODOS OS BEBÉS NASCEM SEM DISCERNIMENTO SUFICIENTE PARA COMPREENDER A NOÇÃO DE UM DEUS.



Todas as pessoas, um dia, já foram ateístas, sem excepção. Todos os bebés nascem sem discernimento suficiente para compreender a noção de um deus. Como vimos acima, esse estado é enquadrado como uma categoria de ateísmo. É claro que não se trata de uma descrença deliberada, mas demonstra quão absurdo é tentar derivar qualquer espécie de consequência do facto de alguém ser ateu. Certamente os religiosos fervorosos objectarão essa ideia, dizendo que é injusto taxar qualquer pessoa incapaz de formar o seu juízo a respeito do assunto como uma ateísta. Contudo, vejamos: injusto porquê? Há algo de errado em ser ateu? É sinal de perversão, insanidade? É claro que não (talvez sim para alguns teístas intolerantes...). Mas, enfim, nesta situação, a palavra parece estar a descrever perfeitamente a perspectiva do indivíduo em relação à ideia da existência de divindades. Por exemplo, certamente ninguém levantaria objecções à pretensão de classificar um bebé como um indivíduo apolítico por ser incapaz de conceber o que é a política e posicionar-se em relação a ela; tão pouco à ideia de que todos eles são analfabetos. *"Como se pode dizer"*, afirmou Richard Dawkins, *"que uma criança de quatro anos seja Muçulmana, Cristã, Hindu ou Judia? É possível falar de um economista de quatro anos de idade? O que você diria sobre um neo-isolacionista de quatro anos ou um liberal Republicano de quatro anos?"* A questão está na incoerência de imputar posições positivas a quem não pode responder por elas, sequer pode concebê-las. Na nossa sociedade, no entanto, a palavra "ateu" encontra-se tão carregada de preconceitos, tão estigmatizada, que chamar um indivíduo de ateu, longe de ser uma mera classificação neutra, na verdade aparenta ser uma espécie de insulto.

Objectivamente, percebemos que essa animosidade para com a definição apresentada de ateísmo puro, na realidade, não tem nada de razoável, impessoal ou desinteressado. O problema certamente não está na definição, mas nos preconceitos que são nutridos em relação à posição ateísta. O grau em que um indivíduo religioso se sente incomodado com a ideia de se chamar uma criança desinformada de ateia pode ser usado para medir o grau de preconceito e intolerância que possui em relação ao ateísmo. Digam o que disserem, o ateísmo não é uma perversão, nem uma teimosia, nem uma insensibilidade, nem qualquer outra coisa senão a ausência de crença na existência de deus. O resto fica por conta dos preconceitos.

Entretanto, quando analisamos a perspectiva religiosa, torna-se

QUALQUER INDIVÍDUO SENSATO HÁ-DE CONVIR QUE A ATITUDE DE NÃO ACREDITAR EM ALGO NÃO É UMA CRENÇA, E TÃO POUCO PRECISA DE SE SUSTENTAR EM PROVAS.

compreensível que tais preconceitos existam. O facto de alguém rejeitar a verdade óbvia de que existe um criador, e declarar-se abertamente ateu, só pode significar que se trata de uma pessoa insensível, cínica, ressentida, frustrada com a vida e revoltada com deus. Mas, logicamente, tal raciocínio é de todo unilateral. O problema não está nos ateus, mas no facto que os homens convictos são prisioneiros dos seus pontos de vista. Quem jura lealdade absoluta a uma doutrina ou ponto de vista específico inevitavelmente fecha os olhos para tudo o resto e, deste modo, a imparcialidade torna-se algo impossível. Homens comprometidos com um ponto de vista perdem a sua liberdade de pensamento, tornam-se incapazes de ver a realidade senão através de uma óptica parcial e pessoal, e assim tudo passa a dividir-se em dois grupos: os que, como eles, sabem da verdade, e os outros, que estão todos errados e perdidos. Sem dúvida, uma atitude lamentável, pois qualquer pessoa razoavelmente esclarecida sabe que o uso da convicção (ou da fé) como único critério da verdade fatalmente conduz a uma completa falta de imparcialidade que cega e tolhe a visão de mundo.

No que concerne à origem de tais preconceitos, é impossível saber exactamente o que acontece na mente religiosa, mas podemos lançar mão de uma analogia que parece ser bastante razoável para explicá-la. Digamos que, na perspectiva religiosa, um indivíduo declarar-se ateu talvez seja algo tão chocante quanto um filho querido e bem cuidado que afirma não amar os seus pais. Algo como dizer: *"Que importa se eles me amam? Que importa se eles me geraram, me alimentaram e me educaram? Fizem-no porque quiseram; não obriguei ninguém a isso e, portanto, não devo gratidão alguma"*. Para a maioria das pessoas, certamente tal afirmação é chocante; vem à nossa mente a imediata impressão de que tal pessoa é insensível e cínica, sendo difícil imaginar que ela é feliz e mentalmente sadia. Mas, sem dúvida, temos de admitir que as palavras dessa pessoa *fazem sentido*, e são estritamente racionais. O facto é que todos nós temos preconceitos, e achamos que todos devem amar cegamente os seus pais apenas porque foram bondosos e cuidaram bem de nós é só mais um deles. Provavelmente, isso está enraizado em instintos; mesmo assim, no nível objectivo, continua a ser um preconceito. Este é um bom exemplo para demonstrar que as crenças arraigadas por motivos emocionais parecem possuir uma curiosa imunidade à crítica racional. Portanto, supondo-se que as crenças religiosas fundamentam-se em factores emocionais, isso explicaria por que razão afirmar que "não

amamos o nosso criador" pode soar como algo muito forte para eles, desembocando fatalmente em preconceitos de todo tipo.

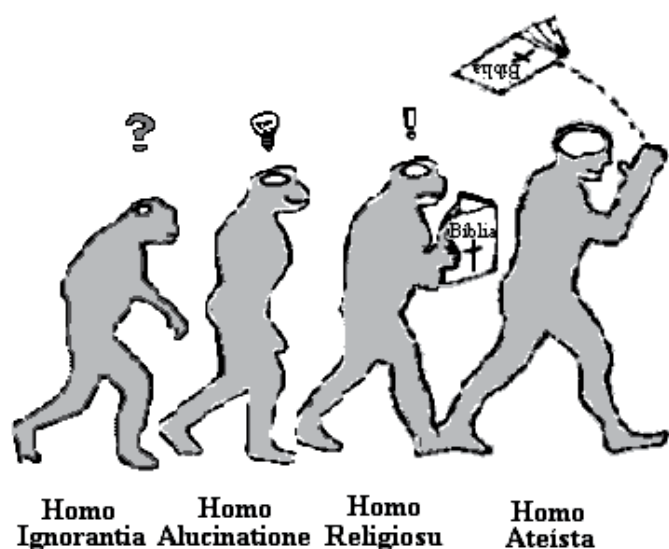
Percebendo que não podem estereotipar os ateus moralmente ou filosoficamente, os críticos do ateísmo partem para outra tática. Deslocam-se para o campo da prática e afirmam que a descrença é negativismo puro; que destrói, mas não reconstrói; que deixa um vazio na vida das pessoas; que é inútil. Mas essa argumentação é claramente tendenciosa, pois tenta depreciar a posição ateísta contrapondo-a de modo distorcido ao teísmo. Se o ateísmo não é um conjunto de valores, se não é uma explicação e nem um guia para a vida das pessoas, porque haveria de ser útil nesses aspectos? Não há o menor sentido em fazer tal comparação. O ateísmo não é uma alternativa para o teísmo e nunca pretendeu ser. Todavia, naturalmente, sem dogmas a serem seguidos, inevitavelmente recai sobre os nossos próprios ombros a incumbência de escolher e julgar os valores, isto é, de nos posicionarmos individualmente frente ao mundo em que vivemos. Mas essa incumbência deve ser entendida em termos de liberdade de escolha, não de vazio existencial (tal liberdade pode gerar angústia, é claro, mas isso não vem ao caso neste ponto da argumentação). O ateísmo, ao contrário do que alguns fazem parecer, não é a maldição da vida sem sentido, mas a maldição de precisar de escolher um sentido. Enfim, é difícil imaginar o que poderia haver de mau e negativo no facto de que cada um é livre para criar as suas próprias regras e perseguir os seus próprios objectivos, em vez de ser obrigado a seguir as regras e os objectivos de outrem.

Outro equívoco comumente cometido por aqueles que se opõem ao ateísmo consiste em tratar tal posição como análoga ao teísmo, como uma "religião da descrença". Ou seja, julgam que os ateus, assim como os teístas, na realidade professam alguma espécie de crença dogmática na inexistência de deus/deuses. Partindo dessa premissa, concluem que o ateísmo não tem mais validade do que qualquer crença religiosa, pois, assim como os teístas acreditam em deus e são incapazes de provar a sua existência, os ateus seriam descrentes em deus igualmente incapazes de provar a sua inexistência.

Pelo que vimos acima, tal objecção obviamente transborda uma tremenda incompreensão do que é o ateísmo. Primeiramente, porque o ateísmo não é uma crença dogmática na inexistência de deus, mas somente a ausência de crença nesse tipo de entidade sobrenatural. Em segundo lugar, porque há uma regra lógica muito simples (e convenientemente ignorada pelos teístas) que diz o seguinte: não é razoável acreditar em algo sem ter motivos para fazê-lo. Qualquer indivíduo sensato há-de convir que a atitude de não acreditar em algo (por não haver evidências convincentes em seu favor) não é uma crença, e tão pouco precisa de se sustentar em provas.

Além disso, provar negações universais, por motivos lógicos, é algo extremamente difícil, e alegremente certos teístas usam isso para afirmar que ninguém é capaz de provar a inexistência de deus. À primeira vista, isso parece razoável, e seria suficiente para empatar os resultados. Mas, com um pouco de pensamento crítico, logo se percebe a incoerência: não podemos provar a inexistência de praticamente coisa nenhuma. E, para deixar a ideia clara, só precisamos de algum tempo livre para dar asas à nossa imaginação especulativa. Por exemplo, formulemos algumas hipóteses bizarras:

- 1) O nosso Universo, na verdade, é um "aquário espacial" feito por alienígenas que estão a brincar ao cultivo de seres humanos.
- 2) Existem cogumelos imateriais que vivem numa dimensão paralela, os quais estão a vigiar-nos constantemente, apesar de não podermos detectá-los.



3) A verdadeira divindade, que criou o mundo e os homens, é Zeus, com a ajuda de Apolo e Dionísio. Eles e inúmeros outros deuses estão todos no Olimpo a observar-nos.

4) A Terra em que vivemos é um electrão; o Sol é um conjunto de prótons e neutrões; o nosso sistema planetário como um todo é um átomo de flúor gigantesco. Os físicos modernos discordam de tal afirmação, mas isso acontece porque o homem ainda não possui tecnologia suficiente para observar e analisar a realidade de modo preciso.

5) O Universo só parece mecânico e impessoal; mas na verdade, o mundo em que vivemos é auto-consciente.

6) Há uma civilização pacífica que habita o núcleo do Sol; ela protege-se do calor através de um sistema hiper-tecnológico que nos é inconcebível; nela vivem milhões de unicórnios, centauros e minotauros num grau de desenvolvimento muito superior ao nosso.

7) Há um grande dragão alado vermelho cuspidor de fogo no meu quarto; contudo, de cada vez que alguém tenta observar ou confirmar a sua existência, este desaparece imediatamente de modo misterioso.

Então perguntemos: como é que alguém seria capaz de refutar tais hipóteses? Não temos qualquer motivo para julgá-las verdadeiras, mas, mesmo assim, não temos como provar que são definitivamente falsas. É esse o problema das negações universais.

Por exemplo, no caso da sexta hipótese, o único modo de provar que tais seres não existem seria ir até o núcleo do Sol e olhar para ver se estão lá ou não, mas isso não é realmente uma boa ideia, pois frequentar locais que estão a milhões de graus Celsius é relativamente perigoso. Basicamente, isso significa que não podemos provar a inexistência dessa tal civilização *helionuclear*. Entretanto, faz algum sentido declarar que essa impossibilidade serve como uma evidência da sua existência? Definitivamente, não. Além do mais, o facto de alguém acreditar piamente em tal hipótese é irrelevante à sua veracidade.

O mesmo se aplica, naturalmente, à ideia de deus: trata-se somente de uma hipótese sem comprovação, uma especulação, realmente. Só precisamos de trocar a afirmação "Há seres vivos no centro do Sol" por "Deus criou o mundo" ou "Deus existe". Não existem razões para julgarmos que a hipótese divina deveria fugir à regra. Pelo mesmo motivo que as pessoas, normalmente, não acham sensato acreditar que estamos a ser vigiados por cogumelos imateriais, os ateus acham sensato não acreditar na hipótese da existência de um deus criador.

Devemos perceber, entretanto, que isso não implica de modo algum a impossibilidade da existência de cogumelos imateriais ou deuses. De facto, nenhuma das hipóteses apresentadas acima é impossível. Simplesmente não acreditamos nelas porque não temos motivos para julgar que são verdadeiras. Como vemos, não há qualquer traço de extremismo em tal raciocínio, como poderia parecer à primeira vista.

O contra-argumento dos teístas "*prove-me que Deus não existe*", que costuma ser aceite prontamente como válido pelos desavisados, é uma falácia argumentativa que recebe o nome de "Inversão do ônus da prova", na qual aquele que afirma a veracidade de uma proposição coloca sobre os incrédulos o dever de provar a sua falsidade e, se estes forem incapazes de fazê-lo, imediatamente ficaria comprovada a veracidade da proposição. O engano, nota-se, é óbvio: como poderíamos fazer isso, provar a inexistência de tal deus, se, na realidade, nem existem provas da sua existência para refutarmos?

Na realidade, o dever de provar a veracidade recai sobre os ombros daquele que afirma algo. Se algum indivíduo diz "Deus existe", é sobre ele que fica a responsabilidade de provar a veracidade da sua proposição, ou seja, provar a existência de deus. Se falhar em prová-la, então não teremos motivos para aceitá-la e, assim, a descrença torna-se plenamente justificada.



Assim, vemos que os ateus não têm o dever de provar coisa alguma, pois, no acto de descrever, não estão a afirmar nada. Em geral, o que dizem é simplesmente o seguinte: "*Não acredito em deus porque não tenho motivos para fazê-lo; caso tivesse algum motivo, acreditaria; mas não encontrei nenhum*". Ante a ausência de evidências, ser ateu não passa de uma simples questão de honestidade intelectual. Bertrand Russell resumiu muito bem o conceito fundamental nesta passagem:

"Muitos indivíduos ortodoxos dão a entender que o papel dos cépticos é refutar os dogmas apresentado, em vez de os dogmáticos terem de prová-los. Essa ideia, obviamente, é um erro. Da minha parte, poderia sugerir que entre a Terra e Marte há um pote de chá chinês a girar em torno do Sol numa órbita elíptica, e ninguém seria capaz de refutar a minha asserção, tendo em vista que teria o cuidado de acrescentar que o pote de chá é pequeno demais para ser observado mesmo pelos nossos telescópios mais poderosos. Mas se afirmasse que, devido à minha asserção não poder ser refutada, seria uma presunção intolerável da razão humana duvidar dela, com razão pensariam que estava a dizer tolices. Entretanto, se a existência de tal pote de chá fosse afirmada em livros antigos, ensinada como a verdade sagrada todos os domingos e introduzida nas mentes das crianças na escola, a hesitação de crer na sua existência seria sinal de excentricidade."

Mas isso não é suficiente para fechar a questão. Há uma frase (a qual, aliás, é bastante famosa entre os ateus) que serve como um aviso para que mantenhamos a nossa mente sempre aberta: "*ausência de evidência não é evidência da ausência*". A simples falta de evidências não é suficiente para justificar a crença na inexistência, e a maioria dos ateus realmente não acredita de modo definitivo na inexistência divina.

Entretanto, não podemos ignorar o facto de que há certos ateus que acreditam na inexistência de deus/deuses. Como vimos, são os que pertencem à categoria do ateísmo crítico. Para justificar tal posicionamento, a ausência de evidência não é suficiente. Neste caso, torna-se necessário demonstrar a impossibilidade da existência divina. E, deste modo, poder-se-ia dizer que esta posição é dogmática, pois é impossível provar definitivamente a inexistência de qualquer deus. Mas o pequeno detalhe que faz toda a diferença reside no facto de que não tentam provar a impossibilidade da existência de qualquer divindade, mas de uma divindade específica de uma ou outra religião.

SE ALGUM INDIVÍDUO DIZ "DEUS EXISTE", É SOBRE ELE QUE FICA A RESPONSABILIDADE DE PROVAR A VERACIDADE DA SUA PROPOSIÇÃO. SE FALHAR EM PROVÁ-LA, ENTÃO NÃO TEREMOS MOTIVOS PARA ACEITÁ-LA E, ASSIM, A DESCRENÇA TORNA-SE PLENAMENTE JUSTIFICADA.

O ateu crítico usa a própria crença do indivíduo teísta para fundamentar a sua argumentação. Se alguém diz: *"Eu acredito em Deus"*, o ateu crítico pergunta coisas como: *"O que é Deus?"*, *"Qual é a natureza desse Deus?"*, *"Quais são os seus atributos?"*. Por exemplo, estudando as definições do Deus bíblico, o ateu crítico poderia procurar contradições nos atributos desta divindade e, usando a regra lógica da *não-contradição* (tudo aquilo que se autocontradiz é necessariamente falso), usa essa informação para argumentar contra a existência de tal ser. Assim, do mesmo modo que a regra da não-contradição justifica a crença na inexistência de entes cujos atributos se excluem mutuamente (como cubos esféricos ou círculos hexagonais), também justifica a crença na inexistência de um deus cujos atributos são autocontraditórios. Nesta situação, a crença encontra-se justificada de modo racional e lógico, não sendo possível, portanto, acusá-la de dogmatismo, talvez de racionalismo redutor, mas isso será discutido posteriormente.

Em discussões do tipo Ateísmo *versus* Teísmo, percebe-se facilmente que a maioria das pessoas não entende o que é ateísmo. É por isso que grande parte dos argumentos usados contra ele é notável pela sua absoluta irrelevância. Por exemplo, quando algum ateu assume abertamente a sua posição, logo é coberto de argumentos verborreicos e disparates de todo o tipo. Alguns exemplos: *"Quer ir para o inferno?"*; *"É mais um daqueles que acredita que isso tudo surgiu do nada?"*; *"Então explique a origem da vida e do Universo"*; *"É uma pena que seja tão infeliz"*.

Sem levar em consideração o primeiro exemplo e o último, pois nem sequer merecem uma resposta séria, devemos ter em mente que o facto de alguém ser ateu não diz nada, absolutamente nada, sobre o que ele pensa a respeito de tais assuntos. Isso porque o ateísmo possui carácter negativo, e as negações são extremamente parcimoniosas no fornecimento de dados. Por exemplo, se alguém dissesse *"Eu não me chamo José"*, que poderíamos inferir a partir disso além do facto de que o seu nome é outro, que não José? Seria absurdo pensar que tal informação fornece qualquer pista significativa sobre o seu verdadeiro nome. É simplesmente incabível tentar deduzir a partir do facto de alguém ser ateu quais são seus pontos de vista filosóficos, morais ou científicos sobre quaisquer assuntos.

É claro que os religiosos costumam fazer esses tipos de pergunta porque a maioria dos ateus adopta o posicionamento científico, que se baseia na experimentação e no racionalismo, mas não necessariamente. O indivíduo ateu pode possuir as suas próprias teorias ou então, sem problema algum, pode abster-se de responder a essas questões, alegando que, na ausência de dados corroborativos para construir qualquer teoria razoavelmente verosímil, qualquer afirmação não passaria de um mero disparate.

Neste último caso, a resposta mais típica às perguntas dessa natureza é simplesmente esta: não sei.

"_Como surgiu o Universo?"

_Não sei.

_Por que existimos?"

_Não sei.

_Deus existe?"

_Não sei. Afirmo apenas que nasci neste mundo e que sou ignorante quanto a todos esses factos. A nossa existência parece um grande mistério insondável. Portanto, de nada adianta dizer "foi Deus" se, na realidade, não tenho motivos para acreditar nisso. Prefiro admitir o meu desconhecimento e abraçar uma hipótese infundada para tentar mascarar a minha ignorância ante este grande ponto de interrogação que é o mundo em que vivo."

A integridade intelectual impede que pontos de interrogação sejam utilizados como argumentos em favor de hipóteses confortantes como a da existência de um deus. O facto de não sabermos de onde viemos, como surgiu a vida ou qualquer outra coisa, não significa em absoluto que "foi Deus". Não sabermos de onde tudo isso surgiu significa apenas que não sabemos de onde tudo isso surgiu e tão-somente; nem mesmo



significa que surgiu. A ignorância *não* é um argumento, definitivamente; e a tentativa de usá-la como um argumento somente revela uma grande e lamentável parcialidade, que muito provavelmente deriva da necessidade de crer.

Esse deus, que só habita os recônditos da nossa ignorância, é tipicamente alcunhado "Deus das lacunas", pois só sobrevive por entre as sombras do desconhecido. É devido a esse subterfúgio explicativo que, outrora, devido à ignorância, os fenómenos naturais (como trovões e relâmpagos) eram interpretados como manifestações de um deus descontente com os humanos. É claro que, naquela época, esta parecia uma explicação tão plausível e respeitável para os fenómenos naturais quanto, actualmente, dizer que o Universo foi criado por um deus, pois ambas as coisas eram igualmente desconhecidas. Mas, nos dias de hoje, a ciência já lançou uma luz (a maior inimiga do Deus das lacunas) sobre os processos responsáveis pelos trovões e pelos relâmpagos, tornando ridícula a afirmação de que se devem à manifestação de um deus enfurecido com os humanos.

Hipócrates, nascido por volta de 460 a.C., considerado um dos pais da medicina, na sua época já compreendia a tendência humana de mistificar aquilo que lhe é desconhecido. *"Os homens pensam que a epilepsia é divina meramente porque não a compreendem. Se eles denominassem divina qualquer coisa que não compreendem, não haveria fim para as coisas divinas"*.

[Continua na próxima edição]



SENHORAS E SENHORES,
O HIGH PRIEST DA CHURCH OF SATAN
PETER H. GILMORE



Este foi um ano em grande para si com o lançamento do seu livro, um projecto de longa data. Como é que se sente ao ver este objectivo cumprido?

É bastante satisfatório ter finalmente concluído *The Satanic Scriptures* e ver o seu lançamento ao mundo. Estava relutante em deixá-lo ir, mas a editora Scapegoat providenciou-me o ímpeto próprio para dar aos artigos uma polí-dela final e decidir quais dos meus artigos por publicar poderiam ser incluídos. Eles fizeram um trabalho fantástico, e com as capacidades do Reverendo Kevin Slaughter e do Reverendo Timothy Patrick Butler, a forma que foi dada às minhas palavras foi esteticamente perfeita.

Como tem sido até agora a reacção a *The Satanic Scriptures*?

As críticas publicadas, bem como a correspondência pessoal têm sido bastante positivas. As pessoas têm sido perceptivas ao ver como tenho crescido através das fundações do Dr. LaVey e tenho aumentado a dimensão da filosofia durante este processo. Pareceu-me que tinha chegado a altura para os meus escritos serem recolhidos de forma a terem um impacto imediato como um todo.

Foi intencional lançar o livro no "Ano da Literatura", como foi anunciado pela CoS?

Quando terminei o meu livro, apercebi-me que uma série de membros também estavam a planear juntar os seus escritos, por isso proclamei este ano como o "Ano da Literatura", sabendo de antemão isto, mas também como forma de encorajar outros membros a fazerem o mesmo. Tem sido um grande sucesso.

Qual a principal fonte de inspiração para este livro?

Escrevo porque penso que posso clarificar um assunto específico, mostrando a estrutura conceptual do Satanismo, que para mim está sempre presente. A lógica e integração da nossa filosofia existe como um belo edifício brilhante e agrada-me mostrar isso às pessoas que acolheram o Satanismo como o seu modo de identificação. Muitas vezes escrevo sobre algo que estou a vivenciar na altura. Por isso, a vida e a forma como a vejo são a minha fonte de inspiração primária.

Porque escolheu a forma de artigos para o seu livro? Foi mais fácil de compilar?

O propósito do livro foi reunir todos os artigos que tenho vindo a escrever nos últimos 20 anos, uma vez que estão todos relacionados uns com os outros, pois são elucidativos do Satanismo. Muitos deles foram publicados na *The Black Flame*, ou outras publicações e era óbvio que quando fossem colocados todos juntos pela ordem certa iriam reforçar-se a eles mesmos.

Acho que talvez fosse mais fácil fazer um livro a começar de início, uma vez que cada artigo foi escrito para um determinado momento e vivência, por isso tiveram de sofrer alguma edição, para fazer com que o conjunto fluísse melhor, uma vez que muitos foram criados para estarem "sozinhos". Este processo de edição fez com que tivesse de examinar como é que "trabalhavam" todos juntos, por isso tive de remover algumas partes redundantes e expandir partes de outros artigos. Mas a meu ver valeu o esforço.

Vê *The Satanic Scriptures* como descendente de *Satan Speaks!* ?

Serve para dar uma visão contemporânea dos conceitos presentes em *The Satanic Bible* e expande as fundações ritualistas dos elementos no *The Satanic Rituals*, bem como apresenta artigos mais pessoais e comentários na linha de *The Devil's Notebook* e *Satan Speaks!*. Desta forma, há partes do meu trabalho que têm origem em todos os livros de Dr. LaVey, bem como as minhas áreas de especialidade, que são mais demarcadas no capítulo *Diabolus In Musica* onde escrevo acerca de compositores sinfónicos e de bandas sonoras.

Há planos para traduzir e distribuir o livro noutras línguas?

Sim. Para já estão a ser feitas traduções para francês, alemão, russo e estoniano. Há também interesse em fazê-lo para português, italiano e espanhol. Pode haver possibilidade de o fazer para ainda mais línguas.

Há alguns anos atrás lançou *Threnody For Humanity*, o seu opus musical. Como descreve a sua criação musical?

A música de que mais gosto é orquestral e por isso *Threnody* utiliza muitos estilos orquestrais diferentes para criar peças emocionais que a meu ver irão fazer todos os que as ouvem sentir algo. Algumas das músicas do álbum foram usadas em filmes.

Quais as suas principais influências relativamente à música? Tem algum músico/compositor com o qual se identifica?

Fui influenciado pelos compositores de que mais gosto: Mahler, Bruckner, Berlioz, Richard Strauss, Liszt, Vaughan Williams, e Shostakovich, bem como compositores de filmes como Bernard Herrmann, Jerry Goldsmith, John Williams, e Akira Ifukube.

Acha que essas influências podem ser ouvidas em *Threnody For Humanity*?

Absolutamente!

Até ao momento qual tem sido a reacção ao disco?

As pessoas acham que pode ser usado como música de fundo para meditação, assim como

para rituais pessoais, bem como apenas para ouvir, como o fariam para apreciar a música clássica, ou um disco de bandas sonoras. Mesmo pessoas que normalmente não ouvem música clássica escreveram a dizer que tinham gostado de várias músicas deste álbum. Gosto de referir que elas deviam ouvir músicas que tenham sido compostas por grandes compositores que me inspiraram e o artigo presente no meu livro, de que falo anteriormente, é o melhor guia que posso dar para as pessoas entrarem no mundo das composições extraordinárias.

Qual é o seu background musical? Tem algum conhecimento académico de música?

Eu tenho o Bacharelato e mestrado em composição musical através da Universidade de Nova Iorque. Durante os meus anos de estudo ensinei outros alunos acerca da história ocidental da música bem como a conduzir uma orquestra.

Em que outros projectos se encontra a trabalhar actualmente? Podemos contar com outros lançamentos para breve?

Estou a melhorar o meu estúdio musical para um sistema todo digital de forma a simular uma orquestra sinfónica, utilizando o *software Logic Pro Studio*. Quando isso estiver pronto a grande sinfonia que tenho escrita em papel será introduzida e completada e já tenho trechos para uma segunda sinfonia, bem como outras peças mais pequenas. Por isso vou-me focar na música, agora que o meu livro foi publicado. Embora ainda continue a escrever artigos e também estou a trabalhar num livro de rituais com a minha mulher, Sumo Sacerdotisa Peggy Nadramia. Também existem outros projectos em progresso, mas não quero adiantar mais nada até estarem numa fase mais avançada de produção.

O que pensa da presente situação da CoS? Está satisfeito com tudo o que foi realizado nos últimos anos?

A Church of Satan está maior, mais produtiva e mais conhecida mundialmente do que em qualquer outra altura, e isso agrada-me bastante. Não só sobrevivemos ao ponto mais crítico, que foi a morte do nosso fundador, como estamos a prosperar, e a atrair pessoas inteligentes e criativas de todos os cantos do mundo. Estamos a realizar a visão do Dr. LaVey de uma forma que ele ficaria orgulhoso.

Considera que a CoS é tão relevante hoje como o foi no final dos anos 60?

Ainda mais hoje do que nessa altura. Isto porque na altura da nossa fundação, éramos apenas uma entre outras alternativas religiosas que tinham um ponto de vista que não era cristão. Actualmente está a haver por todo o lado uma reacção ao fanatismo e fundamentalismo religioso e ainda é mais crucial que sejamos um

meio coerente contra a fé e superstição. Os livre-pensadores precisam da nossa perspectiva, como terceiro elemento ao mostrar que o Homem animal pode usar rituais e simbolismo sem voltar para a ignorância, pequenez e terror.

O que tem mudado no Satanismo nesta última década? E o que mudou na perspectiva da sociedade relativamente ao que o Satanismo realmente é?

As bases do Satanismo não se modificaram nada a partir do trabalho de construção efectuado por Dr. LaVey. O Satanismo em si foi muito mais difundido devido à Internet e por isso apresentamo-nos *online* o mais perceptível possível de forma a não haver qualquer confusão acerca do que representamos. O que é diferente actualmente é que os pseudo-satanistas também estão *online*, a tentar alterar as águas e enganar as pessoas acerca do Satanismo. Dessa forma e uma vez que a maioria deles são adoradores do diabo são tão perigosos como os fundamentalistas cristãos que já tentaram espalhar as mentiras aquando do "pânico Satânico" nos anos 80-90. Tanto os pseudo-satanistas como os cristãos têm interesse em fazer com que as pessoas não conheçam a forma como o Satanismo é lógico e racional. Agora têm ainda mais a oportunidade de enganar as pessoas de uma forma global, por isso temos um trabalho acrescido para que a informação acerca do Satanismo e a Church of Satan seja transmitida de uma forma correcta.

Para a sociedade é agora mais fácil saber o que o Satanismo realmente é, mas uma vez que as pessoas normalmente são preguiçosas e não se preocupam em pesquisar, continuam tão ignorantes como a geração anterior, embora agora não tenham desculpa.

Já se apercebeu de que estava a cometer algum pecado satânico?

Claro e depois parei e disse para mim mesmo que não o voltava a fazer uma vez que me impedia de aproveitar o máximo da vida. O que se pretende é que se esteja o mais consciente possível, mas por vezes o mundo distrai-nos. O Satanista pode ser generoso e perdoar-se, uma vez que somos os nossos maiores críticos.

Tem alguma Regra Satânica, ou Afirmação Satânica, que seja a sua favorita?

Eu acho que a sociedade seria bem melhor se todos adoptassem a nossa regra acerca de não oferecerem a sua opinião a não ser que a peçam. Há tantos e-mails sem sentido de pessoas que não se dão ao trabalho de ler o que nós somos e se sentem na obrigação de nos escrever a dizer o que pensam de nós, embora não tenham pensado bem no que dizer. A maioria são pessoas patéticas desesperadas por atenção e são ignoradas, pois essa é a punição mais adequada.

A Satanic High Mass a 06/06/06 teve a maior exposição pública da CoS desde há muitos anos. Acha que uma exposição



A CHURCH OF SATAN ESTÁ MAIOR, MAIS PRODUTIVA E MAIS CONHECIDA MUNDIALMENTE DO QUE EM QUALQUER OUTRA ALTURA.

pública tão grande poderá repetir-se num futuro próximo?

O enfoque desse evento esteve relacionado com o modo como os *mass media* reagiram ao dia, de uma forma supersticiosa em relação ao número 666, que nunca teve nada a ver com nenhuma data das sagradas escrituras. Era nossa responsabilidade mostrar o quão estúpidas as suas preocupações eram, por isso fizemos algo público, uma vez que se pretendia criar algum equilíbrio no meio de tanta loucura. O propósito da Church of Satan não é fornecer entretenimento para as massas ociosas, por isso só faremos algo semelhante se uma ocasião interessante ocorrer. Nunca se sabe o que pode acontecer!

Muitas pessoas sentem-se confusas com a similaridade e diferenciação entre Satanismo e Ateísmo. No seu entender quais são essas similaridades e diferenças?

O Satanismo começa no ateísmo, mas uma vez que o ateísmo apenas enuncia que não existem entidades sobrenaturais, os ateístas têm então de tentar compreender como irão explicar a sociedade humana e o universo em que ela existe. O Satanismo tem uma visão muito definida acerca da humanidade – somos misantropos que sentem que a maioria das pessoas são piores do que inúteis e que muito poucos são os indivíduos que sobressaem do rebanho para melhorar a nossa cultura e direccionar a nossa sociedade para engrandecer as nossas vidas. O Satanismo é uma filosofia centrada em si própria, em que cada um de nós é o seu próprio deus e muitos ateístas rejeitam isso em prol de uma filosofia mais centrada na sociedade. O nosso ênfase na responsabilidade pessoal

para o sucesso ou falhanço é uma perspectiva desafiadora que poucos conseguem abarcar, uma vez que não querem ter culpa ou sentir-se culpados quando as coisas correm mal e não podem responsabilizar mais ninguém além de si próprios. Mais nenhuma filosofia leva isto ao extremo que nós levamos. Por fim, a maioria dos ateístas rejeita rituais ou a cerimonialização, uma vez que não entendem que pode ser um modo de auto-ilusão controlado, ao invés de uma desculpa para a fantasia e misticismo que ocorre tendencialmente em todas as religiões com excepção do Satanismo. Ocupamos um nicho único, uma vez que somos a única religião carnal que rejeita totalmente o espiritismo, embora usemos técnicas de rituais, simbolismo e metáforas para melhorar as nossas vidas.

Olhando para o futuro, como vê a evolução do Satanismo, pelo mundo?

Vejo que o Satanismo continuará a ser a casa do que eu chamo a nossa "meta-tribo", indivíduos que nascem com natureza Satânica, independentemente da cultura em que se tornam conscientes. Uma vez que a nossa literatura inicial está a ser cada vez mais disponibilizada e traduzida para outras línguas, sem ser re-interpretada por terceiros, aqueles que são verdadeiros Satanistas irão descobri-lo como sendo um espelho no qual se vêm reflectidos. Haverá projectos ainda mais criativos a serem feitos pelos nossos membros, mostrando que esta organização está mais além do que os limites nacionais. O recente CD *The Black House: A Tribute to Anton S. LaVey* [www.blackhousetribute.com] foi realizado por membros de França e Austrália. Haverá muitos mais projectos do género nos próximos anos.

Uma vez que o modelo de grotto já não é praticado pela CoS, acha que o papel por eles efectuado consistindo na "reunião física de indivíduos que pensam de maneira idêntica" pode ser desempenhado por outras organizações?

Apercebemo-nos que só pelo facto de uma pessoa ser Satanista e membro da Church of Satan, não implica que vá ser amiga ou beneficiar do encontro com outros indivíduos semelhantes. Muitas vezes, quando pessoas extremamente individualistas se encontram não se dão muito bem. Outros até se dão bem e tornam-se amigos. O propósito da Church of Satan é que não é necessário que os nossos membros gostem uns dos outros, ou se juntem, ou realizem rituais. O único requisito que temos é que se os membros interagirem uns com os outros e não gostarem uns dos outros, não devem ser hostis publicamente e devem apenas seguir cada um o seu caminho e fazer aquilo que mais gostam... Segundo Anton LaVey, nós deveríamos ser uma sociedade a admirar, não um conjunto de bebés chorões. A violação desta regra básica é fundamento para expulsão.

A Church of Satan não patrocina qualquer outra organização que se diga Satânica, uma vez que não podemos assegurar que esse grupo corresponde aos altos *standards* de ser Satanista. Se essas organizações têm membros que consideramos pseudo-satanistas, isso iria prejudicar o nosso trabalho e dava a essas pessoas uma credibilidade que não merecem. É por isso que não somos ecuménicos e rejeitamos peremptoriamente a ideia de nos unirmos com outras pessoas ou grupos que se auto intitulam Satanistas ou *Left Hand Path*. Tende-se a perder alguma perspectiva e pureza da nossa filosofia com qualquer tipo de associação deste tipo, uma vez que o público pode ser enganado e pensar que existe algum tipo de escolha entre os pares, quando tal não existe.

Encorajamos os nossos membros que querem socializar – ou a terem discussões com outras pessoas para depois haver um possível encontro – criar fóruns de discussão dirigidos pelos nossos membros e supervisionados pela nossa hierarquia, percorrendo várias línguas ou diferentes regiões do mundo. Isto não são organizações, apenas locais para comunicar. Podem encontrá-los na secção *Links* no site www.churchofsatan.com. Mas mesmo nesta situação, há diferenças de opinião, e numa organização que valoriza o indivíduo como um ser único, pode ser difícil encontrar pessoas que nos enriqueçam através de encontros pessoais. Há relações que funcionam melhor à distância!

Que conhecimento tem de Portugal? Já alguma vez teve a oportunidade de visitar o nosso país?

Sei que Portugal tem uma herança histórica bastante antiga e fascinante, abarcando iconoclastas especialmente agora com o apoio de músicos neo-folk e alguns artistas. Amigos

meus que já visitaram Portugal disseram-me que tem uma excelente cozinha, bons vinhos e uma arquitectura interessante e que eu devia visitar. Talvez quando o meu livro sair com a tradução em português faça essa viagem.

Algumas palavras finais para partilhar?

Nos tempos que correm é importante que os verdadeiros Satanistas se apercebam que partilhamos uma natureza comum que é diferente da de outras pessoas que se sentem atraídas para as crenças espirituais. Não podemos deixar que os místicos, ocultistas e adoradores do diabo enevoem a clareza e o pragmatismo que o Satanismo tem para oferecer como ferramenta para melhorar a vida ao mais alto nível possível. A nossa perspectiva é poderosa

e única e natural para alguns que já nascem naturalmente a refutar a ideia de se curvar perante alguma entidade ou ditador – seja mundano ou não. Apresentamo-nos como os nossos próprios deuses e através de uma rigorosa auto-disciplina e criação de um trabalho superior, nós os Satanistas podemos com orgulho demonstrar que o Satanismo é uma filosofia potente para o nosso tipo de pessoas e podemos existir como qualquer outro grupo sem qualquer receio. O nosso mérito será óbvio para qualquer pessoa com valores discriminados e olhar aguçado para a crítica em relação ao que conseguimos alcançar. O meu desafio para todos os Satanistas que lerem isto é que se afirmem e façam parte desta sopa primordial de produtividade.



NÃO PODEMOS DEIXAR QUE OS MÍSTICOS, OCULTISTAS E ADORADORES DO DIABO ENEVOEM A CLAREZA E O PRAGMATISMO QUE O SATANISMO TEM PARA OFERECER COMO FERRAMENTA PARA MELHORAR A VIDA.

NA PROSA Mosath DE CÉPTICOS

**AVALIAR AS CRENÇAS E AMOSTRAS DE
PERSONALIDADE DOS NOSSOS INTERLOCUTORES,
A PARTIR DO CEPTICISMO, DO PESSIMISMO, DA
DESCONFIANÇA, DA ESTRANHEZA, DA AMBIGUIDADE,
DA EMPATIA, DA CONCORDÂNCIA, DA FLEXIBILIDADE?**

Interesso-me por alguma coisa? Cepticismo, serei Céptico sem o saber? Sei que não me detenho nele, avanço. Cepticismo é por certo inibidor, é nocivo à mudança ou, mais importante, à edificação, à originalidade da descoberta. E o contrário? Por certo também será e não sinto a veracidade quer de um lado, quer do outro. Falo de uma forma como de outra, pois sou para além de uma e outra coisa. Defesas – umas picadas por abelhas, umas por mosquitos.

Vivo. Não sei onde estou nem sei se consigo ver as paisagens agora, sem óculos. Verei mesmo mal? Os óculos estarão bem colocados ou os olhos mal feitos? Subo pela parede, tentando encontrar alguma coisa nova, mas não contrário as velhas, velhas passadas. Haverá mesmo alguma coisa que realmente me agrada? E se não tiver culpa quando deixarem de me agradar? Tenho pouco poder sobre as verdades e vou questionando, aumentando as minhas alturas. Há mistura de tonalidades ideológicas. Cepticismo é crítica e é flagelo aos marasmos, às hipocrisias. Ou é o contrário? Sei lá, ainda sou novo para estas coisas. E mais, não podiam ter criado o calendário anual de um outro modo? Não entendo deveras coisas que não fui eu a fazer, sendo que para quem não entende qualquer coisa em relação à liberdade ou disposições de libertação aos ritmos comuns, basta dizer-se algo muito simples: o Homem desde que se conhece é um animal céptico e é nível de cepticismo. Como que de repente, com vontade desconfio das pessoas, sou céptico para com as suas ideologias e razões, isto deveras sei, referindo-me também às suas religiões e às suas devoções. O que é que ganham com tais ardis? Alcançam se é positivo ou negativo e gostam ou não? Independentemente, que provem algo a

O QUE É SER CÉPTICO?

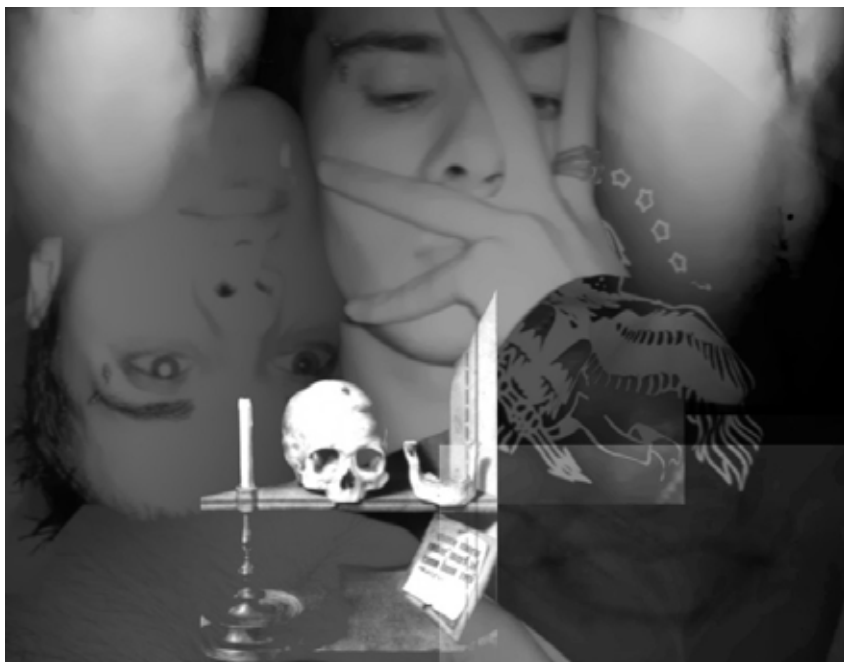
Muita gente imagina um céptico como um ser carrancudo que diz não a tudo e se opõe a qualquer crença. Se esses são cépticos, não são dos nossos. Dizer não a tudo não é cepticismo, é parvoíce. E as crenças são cascas pessoais; cada um é livre de ter as que quiser. Mais, crenças, todos as temos. Qualquer juízo de valor que façamos, no fundo, tem que assentar numa crença que certas coisas são boas e outras más. Em suma, um céptico é a favor da liberdade de crença e pode ter as que quiser. O cepticismo não está em rejeitar as crenças, mas sim em compreender que crença e realidade são coisas diferentes. As crenças são inúmeras e cada um tem as suas. A realidade é só uma e igual para todos. Por isso, uma crença nunca serve para justificar uma afirmação de facto, apenas uma afirmação de crença.

PARA QUE SERVE O CEPTICISMO?

Todos nós somos ocasionalmente cépticos. Ninguém compra um carro em segunda mão sem um pouco de cepticismo. Se o troco que recebemos não parece correcto, normalmente conferimos. Por vezes, as pessoas distorcem a verdade. Outras vezes, mesmo quando honestas e sinceras, podem simplesmente estar enganadas. Todos nós podemos errar, ou por vezes, até iludirmo-nos propositadamente. O cepticismo serve para corrigir os erros nestas situações. Em vez de nos guiarmos apenas pelas crenças e afirmações, (quer dos outros, quer as nossas) é sempre útil consultar a realidade e procurar factos que nos ajudem a decidir. A maioria das pessoas apenas é céptica em algumas ocasiões. A atitude mais natural, e na realidade a que requer menor esforço, é simplesmente aceitar as coisas tal como nos são apresentadas. Num grande número de situações, esta é a atitude correcta, pois temos pouco a ganhar se passarmos o dia a questionar exaustivamente tudo o que nos dizem.

QUANDO SER CÉPTICO?

Infelizmente, não é prático passar o dia todo a verificar se o que nos dizem é verdade. E muitas vezes nem sequer é útil. Se alguém disser que viu um pardal, não se justifica pedir uma fotografia a comprovar – é uma coisa tão comum que se diz que viu, provavelmente, é verdade e de qualquer forma, se não for, não faz diferença. Mas se nos disser que viu um morto ressuscitar, o caso é diferente. Seria algo tão extraordinário



si mesmas. O cepticismo forma-se debaixo do embate dos erros com os proveitos, através da confiança e da ausência destes em terceiros. O mundo é um lugar bonito, que me revelou pequeníssimos ornamentos de si mesmo e, apesar de cruel, nele habito com luxo e luxúria, o que me levou a pensar numa multidão de criaturas, humanas ou não-humanas; um uivo de um lobo; as galinhas são cépticas em relação à tranquilidade de um silêncio e as raposas cépticas em relação à facilidade de uma caça nocturna. Predador ou presa? Cepticismo, observação, instinto, arrogância. Compareça-se e escolhe-se a cor. Escolhas, estadias. Conhecimentos imitam-se e não se fundamentam, porque inicialmente não o foram. Irrracionalidade, torneira oca. As pessoas têm indefinidamente que conversar umas com as outras e mostrar o que fizeram, o que sabem, e se provas não lhes são pedidas daquilo por que proclamam, porquê não se inventar, exagerar um pouco? Afinal, ambas as partes ao entenderem que pedir respostas, contrariar, analisar, perder o impulso de abanar a cabeça, duvidar e mostrar cepticismo, não são defeitos nem pretensionismos, quase tudo melhorava já que a naturalidade é coisa desenroladora; somente difícil.

Tenho uma varanda, com relva curta e com vista para a areia, longe de mar e rio. Não vieram em garrafas verdes e afogadas nos oceanos, mas encontrei uns pergaminhos fúlgidos e probos, enrolados, gentilmente, antes de ontem. Mão na garrafa, diz o primeiro pergaminho isto... – perfume harmónico, livre – ... que passo a citar: "É frequente encarar cepticismo como algo positivo, tal como a dúvida. Não estará o cepticismo na origem das maiores indecisões? Não será ele o inibidor de toda a exploração? A única força capaz de nos fazer desacreditar a nossa vontade e a nossa intuição? O cepticismo sublima a dúvida, a ponto de nos fazer duvidar da sua consistência. A ponto de nos calar. Dizemos que somos cépticos em relação ao mundo. Será? Não será que estamos a desacreditar a nossa própria visão e, nessa medida, a impedir-nos de a exercer? A "pôr-nos a salvo"? A impedir-nos de explorar as nossas próprias dúvidas e avançar? Nietzsche apercebeu-se de que o cepticismo passou a servir a continência e não o progresso. Eu entendo que serve para caçar bruxas. A dúvida não tem que ser sistemática ou ficar por esclarecer. O cepticismo é sistemático. Como se esse compasso de espera fosse forçoso. Nietzsche fala nesse tipo de cepticismo. E eu reconheço-o na nossa sociedade. O exemplo que dei do Agnóstico e do Ateísta, foi extraído de uma tradução de uma entrevista ao Douglas Adams, um ateu e relaciona-se totalmente com esse cepticismo" (este primeiro pergaminho vem assinado por Outubro). Mão na garrafa, diz o segundo pergaminho isto... – aspecto esbranquiçado e agradável, leve – ... que passo a citar: "Relativamente a realidades absolutas, há que dizer que não existem. O que existe é percepção da realidade. Cada indivíduo entende a realidade de acordo com a sua sensibilidade e experiência. Isto afecta directamente o cepticismo/dúvida. Na minha opinião, o Cepticismo não é inibidor de nada, a não ser da existência da dúvida. A partir do momento em que provas a tua verdade não há lugar à dúvida. O cepticismo é precursor de conhecimento. Um céptico não invalida nada que lhe seja provado. Invalida apenas o que não tem prova possível e não faz parte do senso comum. Toda esta realidade é percussionada pelo cepticismo em relação a toda a informação que nos querem impor. O cepticismo proporciona-nos a vontade de ver toda a panóplia de informação imposta desmontada, analisada e consequentemente provada (ou não). De qualquer forma, confere o poder de decidir a aceitação ou rejeição da mesma. O facto de existirem factores de contraproducência (ex: poderes instituídos, credences ou *whatever*) e o facto provado de que a maioria cede a essas pressões destaca-nos como percussores de conhecimento. Somos um dos vários grupos de inconformados existentes no mundo (este segundo pergaminho vem assinado por Sombra). Mão na garrafa, diz o terceiro pergaminho isto... – acabamento rijo, peculiar estética – ... que passo a citar: "Como é que destróis dogmas sem cepticismo? Como é que negas os dogmas veementemente? Com outros dogmas? Ou com uma atitude céptica? Falas em argumentação irracional. Como é que chegas à conclusão de que é irracional sem uma postura científica e prática? Como é que questionar a "veracidade de uma alegação" pode ser considerado inércia? O ir à procura de respostas é capaz de ser a melhor antítese de inércia que me ocorreu nos últimos cinco minutos." (este terceiro pergaminho vem assinado por ALBERTO).

Os neurónios, os pergaminhos me pintaram. Guardo comigo todos os pergaminhos, que são úteis, simpáticos, que me ensinam e que trocarão mais perspectivas amanhã. Ao estender os desejos pelo chão, guardo espaço na pele para mais falas, efeitos e dúvidas, mas eu duvidei de alguma coisa ou fiz duvidar? Sábados, sons, mais tarde, já me colocam em andamento, empalando vazios e exilando derrotas carpete abaixo. Remo mais para a frente, para as colinas e terras intelectualmente compenetradas a viver em mim. Cépticas, piscam, propulsoras das pessoas, vadias.

que não poderíamos aceitá-lo apenas porque a pessoa o afirma, por muito sincera que seja a sua crença no acontecimento. O melhor a fazer é andar sempre com o cepticismo "ligado" e ter em conta que o que nos dizem, por muito sinceros que sejam, pode não ser verdade. Dependendo da situação, logo vemos se vale a pena o esforço de verificar os factos.

COMO SER CÉPTICO?

O passo mais importante é o de adoptar uma atitude crítica, não só para com a informação que obtemos, mas também no que respeita às nossas próprias convicções. É preciso rejeitar tanto a noção que o problema é demasiado complexo, para que o possamos compreender, como a noção de "já sei tudo" e ficar, por isso, fechado a mais informação. Quanto à complexidade do problema, este é por vezes menor do que nos querem fazer parecer. O uso de palavras obscuras e explicações ambíguas podem dar a ideia falsa de algo muito complexo e profundo, quando a realidade é muito mais simples. Este artifício é comum em afirmações pseudo-científicas ou puramente fantasiosas, em que o fundamental é que se perceba o menos possível (não se vá "descobrir a careca"). A situação, aparentemente inversa, de estarmos convencidos que dispomos de todo o conhecimento relevante, é igualmente prejudicial. Devemos sempre ser cépticos das nossas próprias convicções e preconceitos. Uma vez adoptada esta atitude crítica, é necessário obter informação do maior número possível de fontes, para podermos formar uma opinião bem fundamentada.

Ludwig Krippahl

Todos nós somos, em certa medida, cépticos. Uns mais do que outros, é certo. Não vale a pena tentar mudar os fanáticos, os crentes, os cartomantes, os astrólogos, os ovniólogos e todas as outras pessoas que, por ingenuidade ou busca do lucro fácil, demonstram acreditar em causas sobrenaturais. Mas para aqueles que, por conformismo ou preguiça mental, optam por assumir algum esoterismo nas suas vidas, acreditando em explicações extraordinárias para factos ordinários, vale sempre a pena apontar-lhes os erros de raciocínio. Mesmo para pessoas cépticas, é possível acreditar em poderes sobrenaturais. Não basta ser-se céptico, é preciso praticar-se permanentemente o cepticismo, principalmente quando confrontados com explicações extraordinárias. Alegações invulgares carecem de provas invulgares.

Miguel Krippahl

Fonte: CEPO (Associação de Portugueses Cépticos)

As palavras de Outubro, Sombra e ALBERTO podem ser encontradas no fórum da A.P.S. em

WWW.APSATANISMO.ORG/FORUM

DISSERTAÇÕES SATÂNICAS

Bruno Miguel Resende

**AS ENVOLVÊNCIAS DOGMÁTICAS E AS MECANIZAÇÕES
SOCIAIS PROVOCAM ESTADOS DE CONSCIÊNCIA
REDUZIDA, ONDE O LIVRE ARBÍTRIO SE RESUME
ÀS ESCOLHAS ENTRE O PRETO E O BRANCO,
CONCEPÇÃO PERFEITA DAS VIDAS DEBAIXO DOS
SISTEMAS DE CRENÇAS ORIUNDOS DOS MONOTEÍSMOS.**

U

m livro resume a totalidade das coisas, enumerando o que se deve ou não fazer, legislando as penas para os seus seguidores e demencialmente para aqueles que seguem outros livros "divinamente" inspirados e para aqueles que não seguem nada nem coisa nenhuma, o racionalismo e a inteligência quebram tais ridículas amarras.

É incrivelmente difícil chegar à consciencialização de que possuímos consciência, pois para isso existe a necessidade de romper com toda e qualquer simbologia, remeter à introspecção pessoal sem qualquer tipo de contexto externo a dificultar a clarividência da nossa existência. Tais emancipações nos fornecem as respostas à nossa própria individualidade e restauram-nos os princípios morais e existenciais que haviam sido arrancados e substituídos pelos contextos sociais, por morais imorais, por amor desprovido de significância, e pela contínua hipnose de vacuidade interna na qual se emancipam as características ignóbeis dos monoteísmos, intrusão e demencial julgamento da sexualidade dos outros, repulsa pelo feminino, sectarismo vesgo adornado com amarelos sorrisos, vontade de subjugação dos outros à mesma toxicidade intelectual de consciência reduzida.

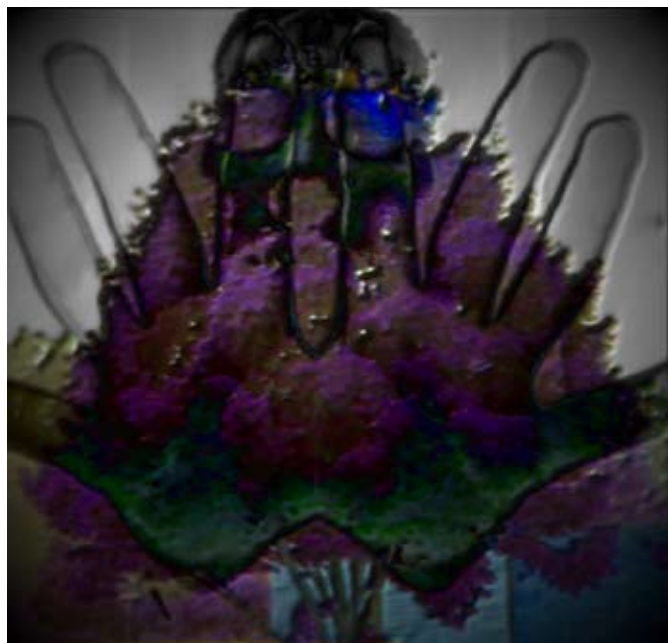
Como resumo básico dos objectivos existenciais Humanos pode-se referir a perpétua busca pelo prazer e a fuga ao sofrimento, relativizados entre a individualidade e o apoio mútuo, e destas bases se desenvolvem as filosofias de vida, claramente opostas às filosofias de vida impostas ou impingidas pelos monoteísmos, de forma mais ou menos ambígua, a busca do sofrimento em sistema de apoio mútuo massificado e a repulsa pelo prazer, conceitos absurdos que colidem frontalmente com tudo o que é emanado pela Natureza. Nessa inversão de objectivos existenciais reside ainda o facto da imperialização do fenómeno, baseado no Mundo irreal emanado pela religiosidade monoteísta mantida pela concepção de um ditador poderoso transcendental regulador dos actos e pensamentos de todos durante 24 horas por dia, o perfeito totalitarismo e regozijada submissão do Homem, marioneta de um ser superior que apenas fala com pessoas irracionais e ignorantes em montanhas recônditas sem mais ninguém a assistir ao estranho fenómeno, deixando o teatro das marionetas ao encargo de doidivas clericais.

Tendo como base a inversão da mais básica concepção da existência Humana e as muito mais numerosas vivências na inversão, surge a oposição exercida pela minoria, seja ela de carácter individual ou não. Dentro das filosofias de vida que tomam a concretização das coisas como base surge o Satanismo, a oposição como característica central baseada na individualidade Humana, nas buscas de prazer e fuga ao sofrimento, no racionalismo e na exacerbação das mais concretas e factuais concepções naturais da espécie Humana.

No centro da existência situa-se o indivíduo, o ente máximo da realidade, que promove para si a busca individual dos prazeres máximos do corpo e da mente, que enaltece a criatividade e adopta para si as ideais e valores desejados renegando a imposição social, que destrói a moral envolvente e reinventa a sua própria moral, que repudia veementemente o que considera incorrecto e que se entrega ao que se lhe apraz. Um conceito focado na emancipação individual e consequentemente opositor da mecanização social mesclada em valores e contextos uniformizantes de pensamentos e comportamentos.

As convicções emanadas por mentes livres e despidas de estereótipos absurdos transformados em acções, ou seja, um comportamento baseado nos instintos e nas transformações em revolução permanente das convicções em acções ou reacções, desprovidas de enviesamentos maléficos irracionais pela tomada de consciência da própria consciência e da realidade, da vida como apoteose máxima da existência, o elemento mais elevado da espécie Humana que pode ser vivido ao máximo das potencialidades de cada um, vivências focadas no extremo do desejo e da concretização ou desperdiçadas em futilidades sem hipóteses de revisão.

Como em qualquer filosofia são necessários parâmetros, ou rótulos que produzam uma síntese de um conjunto de convicções e/ou acções,





nestes rótulos podem-se encontrar vários que a não serem devidamente contextualizados e compreendidos se poderão tornar contraproducentes e orientadores de falsas ideologias, factos incontornáveis que derivam da "normal" tendência social para conceber conclusões antes de conhecer evidências e contextos, antes mesmo de conhecer o assunto que tenciona abordar. A direcionalidade do Satanismo para a superioridade intelectual pode acarretar conclusões simples de sectarismo racista, tanto do exterior como do interior, a visão nacionalista pode ser interpretada como apologia ao fundamentalismo patriótico, a inserção de questões de superioridade em qualquer contexto aludem obviamente à inferioridade da antítese, e mesmo que focada na mais pura concepção da realidade acarreta hierarquização social, vista como um ponto positivo.

As questões de superioridade intelectual são sempre de complexa análise, pois supõem a inferioridade de uma maioria, e a visão deste pensamento, que também é um facto, pode ter alguns prismas de cognição diferentes. Se é o indivíduo que se emancipa, se são os outros que se rebaixam, se é a mescla dos dois prismas. Neste ponto podem-se colocar duas visões distintas de comportamento social. A visão do Apoio Mútuo como forma de clarificar a realidade e instigar o conhecimento nos outros, tanto por prazer pessoal nesse comportamento, como pelo prazer de lutar por uma envolvimento mais emancipada de pessoas e tentar potenciar um futuro mais promissor aos descendentes, a balança nesta conjectura pende muito mais para a ignorância Humana por culpabilização do contexto social e menos para a visão de uma livre escolha do indivíduo numa constante consciência reduzida. No Satanismo parece existir a tendência para uma visão de Darwinismo Social relativizado, com a balança a pender mais para a escolha livre dos indivíduos da consciência reduzida, em massa, o que obviamente atribui a supremacia intelectual a uma minoria.

A balança não possui relativismo quando os rótulos são expostos a massas e passam a representar a mutua exclusão, a visão a preto a branco, que é bem patente na associação de fascismo com Darwinismo Social e cristianismo, os ingredientes da demência nazi e a emancipação máxima do anti-semitismo. O Apoio Mútuo defendido pelo Anarquismo alicerçado pela vontade de educação e racionalismo das massas produziu efeitos demolidores perante as sociedades monopolizadas pelos poderes tirânicos religiosos e políticos, sucumbindo com a perspectiva da luta de classes baseadas apenas no conceito marxista e não na sua compreensão, a ignorância das massas que permitiu a hierarquização e a demência do fascismo comunista. Nestes contextos afigura-se o Apoio Mútuo como a forma mais concreta e racionalmente mais eficaz de emancipação individual, visto que a hierarquização e a ignorância sempre se juntaram na opressão da liberdade do indivíduo, e a normal tendência da

ignorância é deixar as hierarquizações construírem-se e exercerem a aglutinação dos indivíduos para o sistema mecanizado construído sobre o conformismo e ignorância das massas. A individualidade Humana não consegue ser exercida em plenitude se não existir um Apoio Mútuo na conquista de espaço para a sua existência.

A tendência do Satanismo em ter uma visão mais favorável do Darwinismo Social pode acarretar os normais erros de percepção do conceito e fomentar um egoísmo dogmático pessoal, uma emancipação da liberdade individual egoísta num contexto social de opressão onde a liberdade mínima foi garantida por outrem, e sem predisposições pessoais para lutar pela manutenção ou aumento do espaço social necessário à emancipação pessoal. É potencialmente favorável a existência de individualismos baseados na recolha de louros das vitórias alheias, sem as louvar, tentar perpetuar ou as fomentar.

Dentro das ideologias do Satanismo encontra-se também o Nacionalismo, uma paixão pelas culturas e valores delineados por linhas imaginárias na Terra, ou uma dogmatização como qualquer outra, baseada na perpetuação da existência dos valores e cultura dos antepassados confinada a um determinado espaço. Uma tentativa de elevação das raízes esquecidas e das culturas oprimidas pelo esquecimento e pela indiferença atroz dos descendentes, uma concepção de Humanismo de respeito e perpetuação das existências passadas confinada a um espaço. Se é realmente importante manter a lembrança e elevar o que de mais fenomenal o Homem fez na sua existência, parece estranha a restrição a um determinado território com a utilização de um rótulo como o Nacionalismo. A própria racionalidade Humana não possui quaisquer fronteiras espaço-temporais, contagia e propaga-se, e o conhecimento e enaltecimento dos antepassados e das civilizações muitas vezes perdidas no esquecimento tende a ser abrangente, a incluir a Humanidade como um todo, até porque as diversas culturas e valores se foram cruzando e mutando. O rótulo Nacionalismo aparenta não encaixar devidamente nas ideologias e concepções baseadas no racionalismo, se no âmago se emancipa uma racional concepção de respeito pelas raízes, pelo rótulo se parece traduzir imediatamente uma desconexão entre a concretude das coisas e o seu nome.

Relativamente à carga simbólica, rituais e celebrações, estas são de esplendoroso teor filosófico e criativo, uma sublime elevação de consciência, uma incrível emancipação de criatividade e racionalidade. O Satanismo apresenta-se como um triunfo da racionalidade e da emancipação Humana, uma filosofia de vida extrema na emancipação corporal, intelectual, racional e criativa do indivíduo.

LEI DA Outubro SOBREVIVÊNCIA À ARTE DO EQUILÍBRIO

EM RESPOSTA AO DESAFIO QUE ME FOI FEITO
E QUE GRANDE GOZO ME DEU, PROPONHO-ME
COM ESTE TEXTO ATINGIR DOIS OBJECTIVOS.
UM ACERTIVO, OUTRO CONCILIATÓRIO.



Primeiro: Destituir a classificação "ateu" de outras significâncias que não o descrédito na existência de um deus e sublinhar que a lei da sobrevivência, cuja apologia o ateu inerentemente faz, ao assumir-se como maquinista da sua própria vida e que, naturalmente, contradiz a protecção artificial e efémera do fraco, sob supervisão divina, não obsta ao equilíbrio das paixões e à gestão individual dos instintos, face à realidade e por conseguinte, não pode ser tida como selvática nem desumana (argumento número dois dos crentes contra o ateísmo) mas sim como produto da responsabilidade e equilíbrio pessoais.

Segundo: Salientar a importância dos arquétipos/símbolos na evolução humana e oferecer aos mais cépticos um paralelo de agradável digestão, entre esses arquétipos, a presença evidente da Lesser Magic no nosso quotidiano e a prática de Greater Magic ou Magia Cerimonial, com vista ao aprimoramento da energia pessoal, procurando atenuar o acirrado cepticismo dos ateus não satanistas, em relação a esta, ao defini-la, como uma forma mais sofisticada de pôr em funcionamento os mecanismos que faço previamente reconhecer.

Tal como nenhum homem sobrevive na ignorância e o desejo de conhecimento implica paixão e não ausência desta, também o conhecimento infere visões mais alargadas do mundo e da sociedade, tornando-o mais apto a negociar dentro desta última, os termos para a concretização dos seus desejos, sobre os quais irá assentar a sua estratégia pessoal de sobrevivência, o que mesmo que apenas por inerência (como é o caso do satanista, para quem o bem comum é secundário) acaba por fazer dele uma mais-valia social, um elemento benéfico em termos colectivos. A razão é simples: A sua aptidão para sobreviver será tanto maior, quanto maior for o equilíbrio estratégico entre os seus propósitos e os meios para os obter, o que pressupõe comportamento cívico e não propriamente competição selvática.

Sem a mestria do equilíbrio, nenhum ser humano se poderá pois considerar verdadeiramente apto a sobreviver, fazendo justiça à sua condição de homem-bicho-de-paixões, sem arriscar no processo, a morte dessa parte integrante de si, sem a qual se veria justamente destituído da sua principal motivação para sobreviver.

Servindo-me da metáfora de Nietzsche com respeito à origem da tragédia, também a vida se poderá equiparar a uma tragédia em que Apolo



domestica em nós a força irracional de Dionísio. Nisso consiste o equilíbrio que nos permite precisamente desmontar a pretensa irracionalidade da lei do mais forte. Nisso se contém a necessidade de domesticar os nossos instintos mais primários, no esforço de concretização e, possivelmente o motivo porque, na ausência de uma ética individual, capaz de comportar e assimilar ambos os impulsos como complementos um do outro, se optou por demonizar os instintos (Dionísio) recorrendo à protecção de um deus (também ele com conotações apolíneas) e não à fruição do verdadeiro Apolo em nós. Nisso consiste também, o desvio máximo dos crentes, face à descrença do ateu e os faz "fundir num só, rico, ateu, mau, violento e sensual". Como se, à semelhança da sua própria crença, em que Deus dita o que é virtude e o que é pecado, o ateísmo justificasse em simultâneo os impulsos de todos os ateus, como se ao exercício do amor e compaixão incondicionais, se opusesse a ausência destes. Contemplará essa visão apreensiva do prazer, o facto de que o exercício do amor e da compaixão se têm como partes integrantes deste, na presença de motivos reais para os exercer?

Passemos então aos símbolos, ferramentas de castração para uns e de progressão para outros:

Tal como a moral religiosa nos dita comportamentos, julgamentos, pecados, vítimas e predadores padrão e estes jamais se têm como relativos, acabando por enraizar no crente os arquétipos da moral cristã e condicionando os seus comportamentos, também o mundo e a



sociedade humana, são uma fonte constante de arquétipos assimiláveis por grupos alargados de pessoas, capazes de modelar com o tempo o seu comportamento e que estão na origem da sua própria evolução. O que quero com isto dizer, é que os símbolos são e serão sempre essenciais ao homem e se isso fundamenta por um lado o motivo porque tanta gente precisa da religião, define de igual modo a essência da evolução humana.

Como satanista, é justamente a consciência e a compreensão dos símbolos e dos arquétipos como modeladores de energia pessoal e/ou colectiva, que me levam a encarar o ritual cerimonial, o recurso aos arquétipos satânicos e ao psico-drama deliberado, como uma forma absolutamente lógica de otimizar a minha energia com vista a obtenção de determinados objectivos, quanto mais não seja pelo facto de potenciarem comprovadamente a minha vontade.

Este vem sendo o fundamento de grande número de discussões entre ateus e satanistas e um dos pontos de divergência entre eles e é algo que me proponho contribuir para desmistificar (curioso vocábulo) o mais possível, fazendo o paralelo mais lógico, que me ocorre.

Nenhum céptico que se preze se poderá abster de entender o potencial contido nos símbolos, nas imagens e nas impressões dadas, no que toca ao controlo da mente, sendo essa uma das principais ferramentas da sociedade de consumo. À aplicação prática dessa evidência decidimos nós satanistas, eternos aprendizes, chamar Lesser Magic, optando por colocá-la ao serviço do nosso prazer pessoal, coisa que aliás todos os consumidores deviam aprender a fazer, se em vez de se deixarem tragar pelo edifício, alegadamente erigido ao seu serviço, observassem os seus mecanismos com um pouco mais de atenção.

Quem poderá negar o potencial dos jogos de imagens e ideias do marketing e da publicidade, para modificar comportamentos colectivos?

Ora se tais evidências são tão fáceis de comprovar no nosso quotidiano, porque não encarar a hipótese de que os rituais cerimoniais se baseiem no mesmíssimo princípio? O recurso à estética, aos símbolos e ao psico-drama deliberado, com vista à modificação da energia pessoal, segundo arquétipos previamente aceites por IDENTIFICAÇÃO RACIONAL e COGNITIVA e não por CRENÇA. Se é tão fácil aceitar a evidência de que os símbolos determinam comportamentos e estes influenciam por sua

vez o colectivo e isso determina a nossa própria evolução, porquê tanta relutância em aceitar que a modificação da energia pessoal se repercute numa sucessão lógica de eventos?

À questão levantada, acresce o meu mais profundo desejo de que os novos caminhos da ciência se prestem cada vez mais validação do oculto, por via da experimentação.



A BÍBLIA SATÂNICA

ANTON SZANDOR LAVEY



HellOutro
enterprises



Helloo2

FINALMENTE.